

PERSONAGENS.

PORPHIRIO.
CLAUDIO.
SIGESTO.
LYCINIO.
SABINO.
OCTAVIO.
CLEONTE.
LUCIO.
SACERDOTE DE JUNO.
VALERIA.
VIRGINIA.
A SYBILA.
UM NEOPHITO.
UM ESCRAVO GAULEZ.
UM ESCRAVO GERMANICO.
UM ESCRAVO DACIA.
UM CHRISTÃO (*que falla*).

Povo, Sacerdotes de Juno, escravos, lictores, Gladiadores,
bachantes, Amazonas, christãos, &c.



ROMA.



92355 AA.
195

AO MEU AMIGO

Joaquim José Correia Junior.

Dezêjara offerecer-te uma obra mais original, tanto no assumpto como no enredo ; mas, quando quiz levar ávante este dezejo, faltou-me o principal, que é o talento inventivo, coiza para que — realmente — não tenho vocação !

A « Virginia » é tirada d'um romance ; não passa por consequencia d'uma imitação, e como conheces o valor d'esta palavra, não quero que dêes mais importancia ao drama, do que aquella que justamente merece.

Escolhi o « Flavien » de Alex. Guiraud, como poderia ter escolhido outro qualquer romance ; gostei deste assumpto ; acontecer-te-ha o mesmo ?...

Desejarei que sim.

Se alguém te disser que isto é ser plagiario, não dêes cavaco.

A observações destas — se alguém m'as fizer — responderei como o Cezar da « Fabia » respondeu ao imprudente senador, que ouzou acoi-mal-o, por haver expellido no senado um pensamento alheio :

Roubar ideia alheia é desacato ?

Plagiario fui, não é verdade ?

Roubei !... a coiza é rara nesta idade !

F. PALHA. Fabia.

25 de Junho de 1855.

A. Ferreira.

I.

AS CATACUMBAS DE ROMA.

E enquanto, na Roma dos Cezares, cada vicio e cada crime eram elevados á categoria de um Deus, a humanidade havia tornado a encontrar seus titulos nas catacumbas, e, sobre as ruinas da escravidão, a nova fé restabelecia a igualdade primitiva.

A. FILON.

Mais contre un glaive impie et du sang altéré
Ces tombeaux n'était pas un refuge assuré.

Soumet. *Divine épopée.*

PERSONAGENS.

PORPHIRIO.
SIGESTO.
LYCINIO.
SABINO.
UM CHRISTÃO.
UM NEOPHITO.
VALERIA.
VIRGINIA.

Christãos, Escravos, Lictores, &c.

VIRGINIA.

ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa as Catacumbas de Roma. Á frente da scena uma mesa de pedra sobre a qual se acham collocados um grande livro aberto e uma caveira. Tumulos á direita e á esquerda. A scena é illuminada por uma alampada pendente do tecto.

SCENA I.

PORPHIRIO, só, sentado n'uma pedra.

E este o unico asilo em que o homem respira livremente, isento dos miasmas que infetam a outr'ora poderosa Roma. D'essa Roma, que por toda a sua gloria passada só conserva a ferocidade de seus tyrannos e a escravidão d'um povo que por escarneo se appellida rei!

Idolstras, que entre os vossos tres mil deuses não tendes um para o infortunio, persegui os adoradores do verdadeiro que se eleva poderoso, e que com os raios da sua divindade reflecte na humanidade a fé e a esperanza!

Sim, a luta entre os falsos e os verdadeiros crentes começou; povoem-se embora as masmorras de martyres, embote o cutélo dos carrascos á força de redobrar os golpes, porque ainda assim morreremos abraçados á cruz do Salvador!

Grande Deus! quando veremos nós o homem cessar de ser escravo d'outro homem? — Quando? — Talvez amanhã, talvez que só d'aqui a dous mil annos!... Permitti, Senhor, que a arvore sagrada, cuja sombra benéfica adoça tantos maços, estenda seus ramos sagrados sobre a humanidade, que a sua semente espalhada sobre a terra acabe enfim por emancipar o mundo; e que essa vergonteia dos Cezares se faça digna de receber os salutiferos influxos da vossa

divina graça, para que participando da verdadeira luz possa com ella fazer dissiparem-se as trevas do paganismo que envolve os seus.

SCENA II.

PORPHIRIO, CHRISTÃOS, entrando pelo fundo.

PORPHIRIO.

Irmãos, a minha alma se eleva jubilosa ao Senhor, e lhe rende infinitas graças, por ter-se dignado confiar a este seu humilde servo, a alta missão de ministrar-vos o alimento espiritual, instruindo-vos nos sublimes dogmas da sua Santa Lei; e é com inefavel jubilo, que eu vejo centenaes de individuos tocados das sublimes verdades d'essa religião, que do Golgotha nos foi dada por Deus-Homem, abandonarem as crenças dos falsos deuses e virem com tanto fervor abraçar o christianismo, recebendo das nossas mãos a santa agua do baptismo, sem se lembrarem que a perseguição e o martyrio, é a recompensa que tem de esperar n'esta feliz e grandiosa cidade de Roma.

UM CHRISTÃO.

E até quando será o Senhor servido que passemos por tão arduas provas? O sangue de tantos martyres não é ainda sufficiente para acalmar as suas divinas e justas iras?!

PORPHIRIO.

Irmão, não busquemos descrêr por um só instante das sabias determinações do Altissimo, porque assim peccaremos contra Elle. Em vez de nos angustiarmos por nos dar o martyrio, alegremo-nos, e segundo os preceitos do Apostolo S. Paulo, offereçamos os nossos corpos como uma hostia viva, santa e agradavel a Deus, que é o culto racional que lhe devemos.

Ouvem-se tres pancadas n'um tympano.

Meus irmãos. o altar nos espera.

(Entram á direita).

SCENA III.

LYCINIO, DOIS LICTORES, em trajes de christãos

LYCINIO.

Dizeis então que entrou para estes lugares?

UM LICTOR.

Sim; ha meia hora.

LYCINIO.

Bem; esperai-me á entrada d'este subterraneo, talvez tenha precisão de vós d'aquí a pouco.

(Os lictores sahem. Ouve-se dentro o canto dos christãos em côro).

CÔRO.

Roma altiva, não cleves
 Teu poder victorioso,
 Que o de Deus que se fez homem,
 É mais justo e glorioso;
 Entre vós á escravidão,
 Arrasta sem compaixão,
 O vencedor ao vencido!
 Aqui de Christo o prazer
 É sujeitar por virtudes
 O universo ao seu poder!

SCENA IV.

LYCINIO, só, durante o côro.

Vou possuil-a enfim!... Eu, que longo tempo hei esperado uma occasião favoravel, attingia finalmente! Quem diria vendo-me com estes trajes, e nas Catacumbas de Roma, que Lycinio, o tribuno, introduzir-se-ia no asilo dos christãos para roubar uma mulher, — uma escrava!

Concentrado

Ah! Claudio, Claudio, principio hoje a vingar-me de ti roubando-te a tua noiva, e acabarei amanhã, talvez, rou-

4

VIRGINIA.

bando-te a confiança do Cezar... Chegam os christãos, occulto-nos.

(Occulta-se por detraz de um tumulto, pouco depois mistura-se com os christãos).

SCENA V.

PORPHIRIO, CHRISTAOS, LYCINIO (ainda occulto), UM NEOPHITO

PORPHIRIO.

Ide, meus irmãos, e não olvideis as minhas palavras.

LYCINIO, á parte, misturando-se com os christãos.

Voltarei mais tarde.

Sahem.

SCENA VI.

PORPHIRIO, UM NEOPHITO.

NEOPHITO.

Alguns escravos romanos pedem para fallar-vos.

PORPHIRIO.

Como protector de todos, não devo negar-me a ouvi-los.

NEOPHITO.

São conduzidos por esse celebre Gladiador que o povo tanto applaudia nos grandes combates do circo, e que por quinze annos havia desaparecido de Roma.

PORPHIRIO.

Para os infelizes escravos, Porphirio e sempre um verdadeiro irmão... Mas primeiro faze entrar essa mulher deshecida que me quer fallar a sós.

O neophito introduz Virginia e sahe

SCENA VII.

PORPHIRIO, VIRGINIA, com véu.

VIRGINIA, á parte.

Eu tremo!

PORPHIRIO.

Pareceis chorar, minha filha!—que tendes? Por mais pungentes que sejam os ais dos infelizes, acham sempre êcho em nosso coração.

VIRGINIA.

As vossas palavras são animadoras.

PORPHIRIO.

Deus algumas vezes presta-nos a sua voz.

VIRGINIA.

Uma das vossas irmãs desejaria lançar-se a vossos pés...

PORPHIRIO.

E então! se é infeliz o que póde impedil-a de vir derramar em meu seio as suas lagrimas?

VIRGINIA.

O receio... e, que o Céu lhe perdôe, talvez os remorsos de que a sua felicidade é origem.

PORPHIRIO.

É christã?

VIRGINIA.

Sim.

PORPHIRIO.

Sem que me seja preciso saber o seu nome, fazei-me conhecer a confidencia de seu coração. Eu vos escuto.

VIRGINIA

Advinhastes o seu desejo!... Tendo nascido escrava, nao

conhece nem a sua familia, nem a sua patria. Orfã e estrangeira teria errado por toda a parte, se Christo a não houvesse admittido em um dos seus divinos templos. Nenhum dos vossos irmãos conhece melhor do que ella o beneficio da fé, que faz renascer a alma, esse grande thesouro, herança do infeliz! Havendo pois recebido muito, deve todavia muito mais...

PORPHIRIO.

Continuae...

VIRGINIA.

Por muito tempo o seu coração havia ficado sempre puro d'outro amor que não fosse o de Christo; mas um joven romano, cuja alta posição parecia collocar entre ambos uma barreira immensa, sobre a fronte da escrava flectiu seus olhos com ternura.

PORPHIRIO.

Como!...

VIRGINIA.

Socegae; porque elle não offendeu nem a honra d'ella, nem a sua propria, de que é muito cioso. Senhor d'essa escrava, a quer por esposa; — mas esse romano não é christão.

PORPHIRIO.

E sabe qual é a fé da escrava?

VIRGINIA.

Sim; só elle em Roma.

PORPHIRIO.

Nos novos laços a que vae prender-se, será ella sempre fiel á nossa lei?

VIRGINIA.

Oh! sempre.

PORPHIRIO.

A vossa convicção me responde pela sua. Dizei-lhe da parte de um humilde servo do Senhor, que póde sem perigo acceitar a felicidade que a espera. Dizei-lhe que a nossa

santa religião, posto que sevêra algumas vezes é sempre protectora e nunca inexoravel; porque Deus conhece perfeitamente os corações que formou para oppôr-se a um amor casto e puro.

VIRGINIA.

Porém amanhã um edito fatal se vae pôr em execução, e no momento em que todo o christão deve perecer, acaso ãeve ella viver, e em seu seio que palpita de terror, por um amor terrestre deixar dormir a sua propria fé? Deve sob o véu do hymeneu occultar a santa agua do baptismo, onde as suas dôres se foram outr'ora asilar? Não virá a ter remorsos vendo seus irmãos perecer sem os acompanhar?

PORPHIRIO.

Esses remorsos nós os apagaremos.

A corôa do martyrio não se fez para todas as fronte; a sua é sem duvida muito joven para um tal diadema. Aqui estou eu que ainda a não pude obter, apesar de já por quatro vezes ter o meu corpo passado por horriveis tormentos e por quatro vezes os meus carrascos pararem de cançados! Que a sua humildade seja isempta d'essa louvavel inveja. Que offereça a seu esposo a sua vida; porque a vida tem tormentos que duram mais d'um dia.

VIRGINIA.

Se a precederdes á morada eterna, orae por ella, e rogae a Deus que não a abandone á sua terrestre alegria.

PORPHIRIO.

Qualquer que seja a estrada por onde Deus a conduza que a trilhe sem receio; que Deus nunca a abandonará!...

Dá uma pancada no tympano, apparece o neophito.

VIRGINIA, á parte.

Oh! pensamento ineffavel! ser feliz amando Claudio, e sem ser culpada.

Atto.

Meu pae, desejo dirigir minhas preces ao Altissimo...

PORPHIRIO, apontando para a esquerda.

Ali é o altar... ide para lá.

Ao Neophito.

Que entrem os outros.

SCENA VIII.

PORPHIRIO, SIGESTO, ESCRAVOS.

PORPHIRIO.

Mais um martyr que Deus se apraz de nos enviar.

SIGESTO, entrando.

É este o vosso palacio?... Tanto melhor; nenhuma pompa aqui affligirá meus olhos.

Aos escravos

Meus amigos, o meu coração está bastante cheio das vossas coleras, que poderei fallar por vós todos. Por Jupiter! nunca tive tanta necessidade de entornar todo o fel que me transborda d'alma.

PORPHIRIO.

Tranquilisa-te.

SIGESTO.

Se muito, que todos os deuses me esmaguem! Que que-reis?... costumado a combater leões acostumei-me tambem a imitar-lhes os rugidos; e é por isso que os meus sentidos facilmente se abrazam. Perdoae, senhor, perdoae. Deveis conhecer-me; o meu nome de homem é Sigesto, nasci na Thracia; porém o meu nome de escravo é mais lisongeiro e mais nobre; chamam-me — o Gladiador —!

PORPHIRIO.

Tereis entre nós um nome que prefiro, porque é mais sagrado ante Deus.

SIGESTO.

Qual é?...

PORPHIRIO.

O de irmão.

SIGESTO.

Ah! os christãos appellidam-se assim? então são tambem escravos?

PORPHIRIO.

Não; a escravidão inventada pelo orgulho ou pelo crime, expirou á voz da victima sublime que morreu no Golgotha! Porque razão ha de o homem ser escravo de outro homem, quando nem mesmo o é do seu Deus? O Ente Supremo reguia o equilibrio da sua creação, e foi por isso que elle sacrificou a sua vida na cruz para dar ao homem o mais bello thesouro da humanidade a — liberdade! —

SIGESTO.

Eis-ahi uma linguagem que me agrada... gósto d'esta doutrina; sinto que respiro mais livremente!... obrigado pelo beneficio que as vossas palavras em mim produzem. Eu vou dizer-vos o motivo que aqui me conduz.

Irmão, Roma ainda ignora a minha volta, e pouco costumado a deixar os perigos para mais tarde, resolvi com alguns amigos como eu caucados da escravidão — juramos, digo, vingar todas as affrontas que hemos soffrido, e, fazendo de Roma um vasto sepulchro, saecudir sobre elle os ferros da oppressão! Opprimidos sem misericordia, é preciso que nivelemos todas as fronte, cortando com o gladio as mais elevadas!... Sabeis que amanhã devem degolar-vos, ou que como nós, quereis que divirtaes o povo na arena?... o edicto já está pronunciado.

PORPHIRIO.

Já o sei.

SIGESTO.

Pois bem; com o vosso odio vinde ajudar os nossos esforços; dae-nos por sustentaculo os vossos conselhos, o vosso grande nome, e o braço dos christãos; nós estamos promptos.

10

VIRGINIA.

TODOS.

Sim, todos!

PORPHIRIO.

Temos outras armas para triumphar.

SIGESTO.

Quaes são?

PORPHIRIO.

As orações e as lagrimas.

SIGESTO.

Offereceis-me lagrimas para apagar tantas dôres, quando todo o sangue de Roma não é bastante?

PORPHIRIO.

Vêde naquella cruz o sangue de Deus que corre...

SIGESTO.

Oh! que elle nos vingue e eu adorarei a sua lei.

PORPHIRIO.

Irmão, quando se ama a Deus perdoam-se as injurias.

SIGESTO.

Como! tão horriveis tormentos...

PORPHIRIO.

Que importa a quem os affronta?...

SIGESTO.

Porém não sabeis que eu sou escravo? um ente sem lar, proscripto, humilhado, mais vil que um cão, porque nem ao menos pôde morder o chicote que o tortura?... Inprimiram-me a affronta com o sello da infamia, não nos braços, não nos pés: mas na frente, afim de que aos olhos de todos

o stigma do Senhor degradasse em mim todos os instinctos de homem!... Oh! que thesouros de odio tenho em meu peito amontoado! Que gritos de vingança não hei soltado todos os dias! Amaldiçou-o o meu destino, Roma, o amphitheatro; desejaria poder pizar aos pés esta terra madrastra que nutre o oppressor com o sangue do opprimido; esta terra inhospita onde germinou a escravidão!... Insulto o sol que todos os dias vem tornar-me mais pezada a existencia; e aos nossos deuzes, a esses tyrannos que não conheço, offereço, athléta insensato, combates impossiveis! Desvairasse-me a razão, abro os braços para soffocar o mundo, e só tiro por resultado o suor inundar-me o rosto!

PORPHIRO.

Mas para ter semelhantes votos é preciso que hajas soffrido muito?

SIGESTO.

Oh! quereis saber o que hei soffrido, sacerdote dos christãos? Eu vol-o conto.

Ha quinze annos, tinha eu por protector a Valeria que fazia juz ao throno imperial. Valeria, porém, desejava ser mãe, para isso consultava essas mulheres que dizem lêem no futuro, e rodeando-se de Sibylas, offerecia-lhes dons dignos dos Euménides. N'esse tempo minha esposa sentia viver em seu seio um filho, minha unica esperanza!... Valeria ciosa contemplava com olhos invejosos minha esposa; e, um dia que eu scismava n'um futuro mais feliz, onvi sahir do fundo do palacio um grito funebre, horrivei, espantoso! estremecei e voei para o lugar d'onde tinha partido aquelle som para mim tão conhecido.—Que horror!!—Em seu peito de ferro vi minha esposa pallida e desgrehada, em pé junto d'ella e com o punhal na mão estava a Sibyla que dizia: — « Valeria, tu serás mãe; mas para dar força ao infernal mysterio, tenho precisão que uma criança ainda « não nascida, seja arrancada das entranhas maternas antes « do tempo marcado. Esta criança animará teu filho com « uma parte da sua alma, e ambos viverão, unidos ou separados, um numero igual de dias marcado pela sorte. » Com um longo rugido interrompi a infame! O punhal es-

tremeceu-lhe na mão, mas ella ficou tranquilla:— « Um homem aqui, exclamou Valeria; ah! seu esposo! que seja comigo espectador d'esta bella scena. »

Então dez Nubios me agarraram e ligaram a uma columna; com grandes esforços derrubei a columna que roiou por cima de meu corpo, — mas a cadeia resistiu... Consumou-se o crime!... o punhal dilacerou as entranhas da victima; e um longo grito materno foi o seu ultimo adeus!... Oh! o céu não fulminou as infames, e fallaes-me de Deus!

SCENA IX.

OS PRECEDENTES, VIRGINIA, um pouco ao fundo com o véu cahido.

VIRGINIA.

Adeus, meu pae.

Movimento de Sigesto.

PORPHIRIO.

Adeus, minha filha; não esqueças a minha recommendação.

VIRGINIA.

Oh! não, não!...

Sigesto a acompanha com os olhos até desaparecer.

SCENA X.

OS PRECEDENTES, MENOS VIRGINIA.

PORPHIRIO, a Sigesto.

E a criança, a criança?

SIGESTO.

Já não tinha mãe, e Valeria deixou-me viver para maior desespero: apenas chegou a noite corri ao odioso palacio, e roubei minha filha. Levei-a para muito longe, para o Egypto... calo-vos metade do que hei soffrido... E agora

que sabeis os motivos do meu odio, dizei-me, faço mal em querer exterminar tudo ?

PORPHIRIO.

Deves perdoar-lhe. A clemencia é um dom que o céu nos dá : e Deus soffrendo a morte na cruz foi para estender de mais alto por sobre os homens suas mãos piedosas.

SIGESTO.

Eu perdoar-lhe !... irrizão !... demencia !...

PORPHIRIO.

É sempre pelo perdão que a nossa fé começa...

SCENA XI.

OS PRECEDENTES, O NEOPHITO.

NEOPHITO.

É preciso separarmo-nos. Alguns soldados, executores sem dâvida de alguma ordem funesta, violaram estes tumulos. Julguei mesmo reconhecer entre elles a Imperatriz.

SIGESTO.

Deuses !... Valeria !...

PORPHIRIO.

Não vos assusteis ; os escondrijos são numerosos e conhecidos por mim. Vinde...

SIGESTO.

Eu fico.

(Saem todos, Sigesto occulta-se por detraz de uma columna. — Neste momento Virginia atravessa correndo pelo fundo, para o lado do altar).

SCENA XII.

VALERIA, SABINO, LICTORES, SIGESTO, occulto.

VALERIA.

Dizes a verdade, Sabino? a minha inimiga...

SABINO.

Veio aqui.

VALERIA.

Virginia não é christã; quem sabe se te não enganaste?

SABINO.

Preocupado em satisfazer os vossos desejos, não me engano facilmente. Que veio aqui não ha duvida nenhuma.

VALERIA.

E não me vingaste: esse ferro em tuas mãos hesitou em impedir esse odioso consorcio?... Sabino, eu não quero vir a ser a fabula das gentes, se esse hymeneu se'effectua; por que todos os habitantes de Roma sabem o amor insensato que me arrasta para Claudio, a ponto de esquecer-me da minha dignidade, de olvidar que sou a mãe do Cezar... Ambos me tem feito tragar até ás fezes o calix do veneno, é preciso que um d'elles morra... Alguem nos escuta?

SABINO.

Não, senhora.

VALERIA.

Olha, um homem está alli.

SABINO, aos lictores.

Prendei esse homem!

SCENA XIII.

OS PRECEDENTES, SIGESTO.

SIGESTO.

Não vos incommodeis; eu me adiantarei sem que seja preciso instigar-me.

A' par te.

E tu meu odio, extingue-te por um momento.

Alto.

Sou eu!... sou eu!... Sou eu!...

VALERIA.

Eu já te havia reconhecido.

SIGESTO.

O crime anda sempre unido á memoria!... Quanto sangue não vos foi preciso para gravar na vossa lembrança a historia da minha vida...

VALERIA.

Escravo, quero por um momento desdenhar a tua colera, — que fizeste de tua filha?

SIGESTO, colera concentrada.

Oh! o que fizestes de sua mãe? que fizestes de sua mãe?

VALERIA.

Bem: conheço que fiz mal; todavia a Sibyla o ordenava, era preciso obedecer.

SIGESTO.

Obedecer, vós?...

VALERIA.

Sim; posto que fosse horrivel, assim era preciso.

VIRGINIA.

SIGESTO.

Achaes que foi horrivel, não é assim?

VALERIA.

Desde esse dia terrivel hei vivido sempre em desasocego: podes alegrar-te, pois creio que estou quasi arrependida.. Todavia o oraculo disse a verdade: sou mãe; e meu filho tem quinze annos... mas mataram seu pae... e a revolta...

SIGESTO.

Ah! apezar d'escravo, as minhas maldições produziram algum fructo!

VALERIA, Imperiosa.

Basta!

SIGESTO.

Eu, abandonado pelos homens á desgraça, tambem terei algum poder?...

VALERIA.

Aquelles que os deuses concedem...

SIGESTO.

Poderia acreditar nesses deuses, se permittissem offerer-lhes por primeiro presente...

VALERIA.

Falla-me de tua filha agora...

Pausa.

Não respondes?... Sabes sob que astro ella nasceu; sabes que o destino d'ella e de Cezar é um só? e que os deuses lha deram por irmã...

SIGESTO.

Que fraternidade!... O Cezar vive, ella tambem!...

Dolorosamente.

Mas eu... eu perdia!...

Perdida !... VALERIA.

Roubaram-m'a ! SIGESTO.

Como ? !... VALERIA.

SIGESTO.

Unida a meu peito, conduzia para o exilio, para muito longe, para o Egypto onde a occultei a todas as vistas. De dia procurava ganhar algum sustento para ambos, e de noite era abraçada a meu seio que dormia. Uma tarde que eu voltava satisfeito para o meu antro, não a encontrei... havia-me sido roubada.

VALERIA.

E nunca descobriste algum indício ?

SIGESTO.

Por muito tempo suspeitei que os sacerdotes de Osiris fossem os raptores, mas quinze annos segui suas pizadas, e nada pude descobrir...

VALERIA.

Talvez procurasses mal: devias procural-a melhor para não comprometter os dias de Cezar.

SIGESTO.

Que me importavam os dias de Cezar; que relação póde haver entre Cezar e o meu amor ?

VALERIA.

Escuta; perdestel-a e queres sem duvida tornar a achal-a?

SIGESTO.

Se quero !...

VIRGINIA.

VALERIA.

Pois bem, parte outra vez; dar-te-hei ouro bastante; mas como a reconhecerás se a encontrares?

SIGESTO.

Pelo signal de uma ferida que no hombro lhe fez o ferro da Sibyla.

VALERIA.

Sei; fui eu que estanquei o sangue que d'ella corria.

SIGESTO.

Vós mesma?...

A' parte.

Infame!

VALERIA.

Basta, basta; que cessem teus queixumes. Devemos odiar-nos, nossos filhos nos reunem. Entregar-te-hei tua filha; mas em troca empregarás o teu braço em defender Cezar, porque serás livre.

SIGESTO.

Livre! ..

VALERIA.

E rico, e poderoso; em Roma ou onde quizeres...

SIGESTO.

Oh! virei a ser homem?!...

VALERIA.

Sim; dar-te-hei titulos, bens...

SIGESTO.

Muitos escravos sobretudo, para quebrar seus ferros!...

VALERIA.

Parte, e que a tua coragem se dedique a servir-nos. Serás protegido pelo pro-consul d'Africa, explora templos, palacios, cabanas, finalmente todo o escondrijo onde suspeites que existe tua filha... Mas antes de partires terei precisão de ti por um só dia.

SIGESTO.

Já!...

VALERIA.

Não era a ti que eu procurava; mas o destino, reunindo-nos, satisfaz mais cedo a minha vingança. Deves esta noite introduzir-te no palacio de Claudio, pelas portas do jardim de que tenho as chaves...

SIGESTO.

Jurei odio de morte a toda a frente que se eleva; é sobre esse Claudio que tenho de vingar-vos?

VALERIA.

Não; é...

Ouve-se rumor.

Alguem para aqui se encaminha, segue-me.

SIGESTO.

Vamos.

A' parte.

Esperarei o dia em que me possa vingar de ti.

Vao para sair. Sigesto pára procurando reconhecer alguem que vem da direita.

VALERIA.

Então!...

VIRGINIA.

SIGESTO.

Eu já vos sigo... tenho ainda que fazer aqui.

Valeria, Sabino e os lictores sabem. Sigesto occulta-se por detraz de um tumulo.

SCENA XIV.

LYCINIO, SIGESTO, occulto.

SIGESTO, á parte.

Será possível?... Lycinio nas Catacumbas... e em trajes de christão?

LYCINIO.

A vinda de Valeria impediu a sahida de Virginia... não póde tardar — a occasião é favoravel!... Alguem chega... é ella...

Retira-se ao fundo.

SCENA XV.

OS PRECEDENTES, VIRGINIA.

VIRGINIA, examinando a scena.

Já partiram... Demorei-me tanto que receio pelo desasocego de Claudio.

Vae para sahir.

LYCINIO, embargando-lhe a passagem.

Finalmente, estás em meu poder!

VIRGINIA, soltando um grito.

Ah!... soccorro.

LYCINIO, segurando-a.

Clamas em vão... ninguém te salvará, porque nem um christão existe já nas Catacumbas... e só te resta seguir-me, por vontade ou sem ella!

SIGESTO, á parte.

É o unico meio.

(Sóbe acima do tumulto e corta com o gladio a corrente que segura a alampada que cahê com fragor.— Ecuridão completa).

LYCINIO, largando Virginia e recuando.

Que! os mortos ressuscitam aqui!...

SIGESTO, voz surda.

É um vivo, que ainda aqui existia, para salvar uma innocente das tuas garras.

VIRGINIA, levantando as mãos ao céu.

Meu Deus! eu te agradeço!

(Sabe correndo pelo fundo, Sigesto a segue).

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

II.

O BANQUETE DOS ESPONSAES.

Quand elle prie, un ange est debout auprès d'elle,
Caressant ses cheveux des plumes de son aile,
En essuyant les pleurs dont son œil est terni.

V. HUGO.

PERSONAGENS.

CLAUDIO.
OCTAVIO.
CLEONTE.
LUCIO.
SIGESTO.
LYCINIO.
VALERIA.
VIRGINIA.

Escravos, escravas, amigos, etc.

ACTO SEGUNDO.

O theatro representa um vasto jardim nas margens do Tibre.— Os mais raros arbustos do Oriente, estatuas de marmore de Paros, vasos de Porphiro com flores, o decoram. Sob os arvores, à esquerda do espectador, uma meza (thriclinia) sustentada por sphinges de marfim, coberta de fructas e vasos preciosos com flores, e rodeada de leitos de bronze e madreperola marchetados de ouro e tartaruga. Seis escravos jovens com vasos de alabastro e ouro, servem os convivas; algumas escravas dançam durante o côro, outras com urnas de prata incensam o recinto.

SCENA I.

CLAUDIO, OCTAVIO, LUCIO, CLEONTE, AMIGOS, ESCRAVOS,
ESCRAVAS.

CÔRO.

Corram ondas do nectar dos deuses.
Haja vida e prazeres sem fim;
E misturem-se os cantos e a dança.
No recinto d'este almo jardim.

Pelo espaço fumegue o incenso.
Reine em torno de nós a alegria;
E derrame-se o aroma das rozas
Sobre o pyra do Deus d'harmonia.

OCTAVIO.

Os teus jardins, Claudio, revalizam em belleza com os de Agenor. Flores... estatuas... leitos!... só falta aqui uma Déphira para desfolhar em torno de nós todas as rozas dos teus vasos de Porphiro!

CLAUDIO.

Muitas vezes sob as bellas folhas da roza se occulta o aspide...

OCTAVIO.

Ora adeus! Na occasião em que empunho a faça, parece-me esta mais voluptuosa, se acaso Flora com o riso nos labios lhe cede a sua coroa!

Meus amigos, arrojemos para longe de nos as lições de um odioso stoicismo: — eu bebo a Flora!

LUCIO.

Pois olha, eu bebo à saúde de todas as deusas!

CLAUDIO.

Mesmo à da Euménides?

LUCIO.

E porque não, se as Euménides forem bellas!

CLAUDIO.

Não as receias?

LUCIO.

Qual!... Tenho uma consciencia tão infantil, que creio uma taça deste nectar bastante, para atogar os remorsos de que poderia ser sujeita.

CLEONTE.

Eu cá bebo à saúde dos meus bucefalos! — As grandezas deste mundo são tão pouco estaveis, que quem sabe, se eu não sustento nas minhas cavalhariças algum futuro consul... se algum outro Caio...

CLAUDIO.

O nosso joven Imperador desmente esse triste presagio. A sua virtude...

CLEONTE.

Meu amigo, o reinado da virtude é ephemero! Que o diga Nero, Caligula, Adriano e tantos outros imperadores, cujas virtudes, quando jovens, pareciam ser a garantia de uma prosperidade sem limites para o imperio, e não toram senão o preludio de eternas infâmias e devastações!

CLAUDIO

Elle adora o Cezar

OCTAVIO.

Aos pés de sua mãe...

CLEONTE.

O que valle, é que ainda não esta averiguado se elle chegará a reinar.

CLAUDIO.

Pois quem hade succeder a Galerius senão o filho de Valeria?

CLEONTE.

Quem?... E es tu quem mo pergunta?... Tu? o compauheiro d'armas. e até o favorito de Constantino?

CLAUDIO.

O ter sido compauheiro d'armas do herôe do Oriente, não prova que eu devo saber quem succederá ao Cezar.

CLEONTE.

Sim; porém Constantino herdando de seu pae Choldro o governo da Bretanha, deixa o Oriente; e em vez de seguir para a sua capital, poem-se á frente do seu poderoso exercito e caminha sobre Roma: ora, eu estou persuadido que não vem cá simplesmente para complimentar o Cezar.

CLAUDIO.

Seja qual for o motivo que o traz a Roma, nós não nos reunimos aquí para ventilar-o...

OCTAVIO.

Tens razão... ponhámos hoje a politica de parte. A occasião não é propria se não de rir e folgar; cantemos, animados por este precioso nectar de Phalerno, a gloria do divino filho de Venus.

A's escravas.

E vós bellas filhas dos Apeninos, formosas descendentes das Sabinas, cantae e danceae ao som das vossas citharas de

ouro; fazei, se poderdes, que em torno de nós somente reine a alegria e o prazer.

CÔRO. --- DANÇA.

O' deidade do universo,
 Strella formosa;
 Por quem nasce em Cithéra:
 A linda rosa!
 Por te amar tudo suspira.
 Vives no ar que se respira.
 Todo o mortal te admira.
 Deuza ditosa!

O prazer nunca fatiga
 Deuza sem par!
 Digna-te cantos divinos
 Nos inspirar!
 Sempre viver, anhelamos
 Em teus braços enlaçados
 E a teus pés sempre prostrados
 A suspirar.

(Findo o côro todos os escravos e escravas se retiram.— Todos se levantam da mesa.)

SCENA II.

OS PRECEDENTES, menos os escravos e as escravas.

OCTAVIO.

Promettes-te-nos revelar um segredo; poderemos sabel-o agora?

CLAUDIO.

Não o adivinhaes?

LUCIO.

Não nos impacientes por mais tempo: vamos, é algum enigma, ou não passa d'um mysterio?

Pausa.

OCTAVIO.

Creio que em menos obscuridade se mergulhava o velho sphinge.

LUCIO.

O sphinge não embriagava aquelles que o interrogavam.

CLEONTE.

Anda com isso, Claudio; se não te apressas torno-te responsável por alguma desgraça que me possa succeder.— Tal é a minha impaciencia.

CLAUDIO.

Celebramos aqui uma festa de casamento.

TODOS.

De véras?...

CLEONTE.

Quer divertir-se á nossa custa.

CLAUDIO.

Não... é a verdade!

OCTAVIO.

Quem é a imprudente que ousa desposar-te?

LUCIO.

Segundo enigma.

OCTAVIO.

Será Aglaé de Phalerno? Toma cuidado! é perigoso amai-a em razão da inconstancia de seus amores tempestuosos e devassos, de que Roma tem sido testemunha nesses jogos de voluptuosidade que ella tem prodigalisado aos mancebos illustres! Verdade é que dizem descender de uma raça nobre, e possuir uma immensa fortuna.

CLAUDIO.

Não é ella.

LUCIO.

Então é Flóra, essa perigosa belleza que para mais agucar o appetite de seus adoradores, corre as ruas de Roma

no seu carro de triumpho, semi-nua como uma bachante, occultando as bellas fôrmas naturaes com um ralo véu de lã tramado de ouro?

CLAUDIO.

Tambem não é essa.

CLEONTE.

Será Stella — a suburbana — formosa como a estrella donde creio lhe vem o nome?

Pausa.

OCTAVIO.

Ah! já sei; é a louca Epicaris que esbanjou a sua immensa fortuna com a extraordinaria quantidade de maridos que tem possuido?...

LUCIO.

Ou foi a trigueira Julia que captivou teu coração?

CLEONTE.

Ou é a Imperatriz?

CLAUDIO.

Não vos canceis em vão. — É simplesmente uma das minhas escravas, e a quem diante de vós vou dar a liberdade!

TODOS.

Que dizes?

CLAUDIO.

A verdade. Depois que a amo sinto que não sou senhor das minhas acções; entreguei todo o meu coração ao supremo encanto que me captiva! Outr'ora meus sentidos arrastados para outra, sentiam-se sujeitos a um jogo voluptuoso e faziam com que abandonasse meus dias a loucas e desvairadas paixões! Vós o sabeis, amigos; eu possuía mais amantes do que deuses Roma em si contém; — tinha-me tornado incapaz de amar segundo os sentimentos do meu proprio coração. Hoje, porém, o amor sob uma chama ardente e poderosa mudou o meu destino. Já não é esse

transporte enganador em seus desejos, que deixa um remorso por cada um dos seus prazeres; é um raio de felicidade suprema; é o amor mais real e mais bello do que a gloria!... Virginia fez nascer em meu peito esse ardor: sua fronte pura e angelica brilha como uma estrella desconhecida aos mortaes; é Vesta tutelar que os deuses me enviaram para minha suprema dita!!

E agora, espero não recuseis a vossa indulgencia; sereis testemunhas do acto de liberdade!

OCTAVIO, a Lucio e Cleonte

Conheceis-la?

LUCIO e CLEONTE.

Não!

OCTAVIO.

Nem eu.

SCENA III.

OS PRECEDENTES, VIRGINIA, vestida de branco e seguida por doze escravas da Geórgia coroadas de rozas.

CLAUDIO.

Virginia!...

TODOS.

Como é formosa!

CLAUDIO.

Vem; eu te esperava com anciedade; com a tua encantadora presença farás desaparecer da fronte dos meus amigos, qualquer pensamento que não seja casto como o teu coração, e puro como os teus labios.

VIRGINIA.

Senhor!...

CLAUDIO.

Nada receies... Dos mancebos de Roma a quem estou ligado pelos laços da amizade, são estes os que prefiro; porque são estes os que comprehendem melhor o meu pensamento. Eu te apresento Octavio, Lucio, Cleonte, enfim, todos.

VIRGINIA.

OCTAVIO.

E podeis acreditar na nossa auisade, senhora; porque estamos ligados por juramentos sagrados.

CLAUDIO.

Sim, sagrados!

OCTAVIO.

Porque entre nós, senhora, a auisade proclama-se pela santidade do juramento.

VIRGINIA.

Diz-se que a amisade duplica o amor d'alma; eu o creio... estou certo hoje disso.

CLAUDIO.

E deves acreditar-o.

LUCIO.

Quão grandiosa é a tua felicidade, Claudio!

CLAUDIO, a Virginia.

Formosa escrava, póde teu senhor fazer-te um pedido?

VIRGINIA.

Eu vos escuto.

CLAUDIO.

Desejava vêr-te de joelhos ante mim. Vamos; obedece hoje, para ordenares amanhã.

Virginia ajoelha ante Claudio.

Não tenho nos meus jardins nenhum ramo consagrado aos deuses; mas uma nobre espada póde tambem dar a liberdade.

Tocando com a ponta da espada na frente de Virginia.

Sê livre agora, e que a tua frente angelica se eleve radiante e exempta de qualquer affronta!

A. T. E. V.

92735-19 30-RR

VIRGINIA, levantando-se.

Oh! deixae-me beijar vossas mãos.

OCTAVIO.

Inclinou-se escrava, e levantou-se rainha!

CLAUDIO.

Desde este momento nada mais te prende a mim. Já não tens senhor; se quizeres fugir-me!..

VIRGINIA.

E acreditareis que eu tal fizesse?

CLAUDIO.

Não, não; meus amigos, perece uma escrava, mas encontro uma esposa...

LECIO.

Claudio, do teu hymeneu ficará Roma com ciúmes!..

OCTAVIO, baixo a Claudio.

E a Imperatriz tambem!

CLAUDIO.

Para mais completa tornar a nossa ventura, não os convidas a assistirem aos sponsaes?

VIRGINIA.

Eu vos espero amanhã ao altar, no templo...

CLAUDIO, vivamente.

No templo de Juno.

OCTAVIO.

Se os nossos olhos vos contemplarem, senhora, a deusa terá pouco incenso da nossa parte.



VIRGINIA.

VIRGINIA à parte.

Ah! para o meu Deus se elevará o meu!

TODAS.

Senhora, até amanhã.

Saem.

VIRGINIA.

Até amanhã!...

SCENA IV.

CLAUDIO, VIRGINIA, ESCRAVAS, ao fundo.

VIRGINIA.

Que susto, Claudio; nem mesmo ousava nomear o templo!

CLAUDIO.

Creança!

VIRGINIA.

O receio de uma blasphemia!...

CLAUDIO.

E que importa o nome do altar do nosso hymeneu?

VIRGINIA.

Não digas isso... Eu te seguirei amanhã; mas depois seguirás a tua amiga á igreja christã.

CLAUDIO.

Sim, Virginia, segundo o teu desejo...

VIRGINIA.

Segundo o teu juramento... Porphirio unir-nos-ha santamente; e só então nos ficaremos unidos.

AA
1871
1872

CLAUDIO.

O grandioso Olympo pôde juntar ao seus deuses já velhos, um Deus novo.

VIRGINIA.

Claudio; queres affligir-me?...

CLAUDIO.

Perdoa...

VIRGINIA.

A esposa christã ama differentemente das mulheres que adoram aos vossos deuses; unida a meu senhor, quero que a sua felicidade seja a alma da minha vida; quero que o seu olhar seguindo sómente o meu, advinhe o nosso ceu... Eis o que eu quero, Claudio.

CLAUDIO, com ternura.

Minha irmã, minha adorada esposa! como, nesse templo do Egypto cujos sacerdotes me cederam um thesouro mais sagrado que os seus deuses, adoravas tu a imagem de Christo?

VIRGINIA.

O templo de Osiris — não sei em que idade — me recebeu sob a sua guarda; os sacerdotes me destinaram a vigiar a pureza das offerendas, a preparar o incenso, e trançar grinaldas. Apesar da doçura destes trabalhos eu não vivia feliz neste templo, que posto fosse a minha unica patria, ainda considerava como um exilio.

Eu não sabia orar a nenhum dos deuses que ali se adoravam, e quando todas as manhãs os sacerdotes findavam os seus canticos sagrados, eu sentia as lagrimas inundarem-me o rosto.

Um dia, um velho veneravel, escravo como eu, vendo-me chorar, me disse: « Estaes triste e eu não, apesar de serdes joven, e eu tão velho! Se quizerdes, minha filha, eu vos guiarei por um caminho santo que aqui mesmo se pôde seguir de coração! — Chamei-lhe meu pae e escutei-o, ensinou-me as leis do filho de Maria, e pela agua do baptismo que derramou em minha fronte, vim a ser christã.

Eis aqui, Claudio, porque eu adorava a imagem de Christo quando me encontraste no templo.

CLAUDIO.

Oh! esse segredo horrivel, occulta-o bem!

VIRGINIA.

Sim; eu vo-lo prometto.

CLAUDIO.

Esse nome de christã, ser-te-hia mortal... e a tua morte é a minha!... Eu te deixo; vae-se aproximando a hora em que o Cezar, para um serviço importante me espera.

VIRGINIA.

Voltas breve?...

CLAUDIO.

Daqui a poucas horas estarei a teus pés.

VIRGINIA.

Não sei porque, mas quando me deixas, tenho medo que a minha felicidade não desapareça... perdoa a minha fraqueza... Adeus!

CLAUDIO.

Nada receias, breve serei contigo... adeus!...

Sae.

SCENA V.

VIRGINIA, escravas.

VIRGINIA.

Sou feliz!... e todavia porque tremo? porque meu seio palpita e meus sentidos se perturbam?

A's escravas.

Ide minhas fieis companheiras.

As escravas retiram-se lentamente — pausa.

Quero-me só com meu anjo. Suas azas se estendem por sobre a minha frente, para a perservarem do mal...

Tirando do seio um livrinho.

Oh! sim; e neste livro santo quero ler, vista só por elle!

Lendo.

E a lei do Salvador, a lei de uma era nova! Jardins de Claudio, curvae os vossos ramos, e fazei que em torno de mim reine a paz e o silencio!...

Afasta-se e desaparece por entre o arvoredo.

SCENA VI.

VALERIA, SIGESTO.

Ambos tem entrado pelo fundo, durante a ultima parte da falla de Virginia e sem serem por ella vistos.

VALERIA, adiantando-se e seguindo Virginia com os olhos.

Não me enganaram; é formosa... Hei reflectido... e como não sou cruel...

SIGESTO.

Como?...

VALERIA.

Quero salvar Claudio da vergonha... quero, empregando a clemencia esclarecer a minha fraca rival; estas cartas talvez produzam o effeito desejado.

Todavia se meus esforços forem vãos, Sigesto, toma este punhal e fere-a, quando vires a sua sentença decretada no meu olhar.

SIGESTO, collocando-se à direita do espectador em pé, apoiado ao pedestal de uma estatua.

Obedecerei!

VIRGINIA.

VALERIA.

Eil-a! Quanta innocencia brilha em seu rosto!

SCENA VII.

OS PRECEDENTES, VIRGINIA.

VIRGINIA, entra lendo.

A ti ó Deus excelso, a ti louvamos:
Cheios de fé, Senhor, te confessamos.

VALERIA.

Senhora...

VIRGINIA occultando o livro no seio. — A' parte.

Escutavam-me... Meu Deus! corar por teu respeito!

Alto.

Sou Virginia, e vós senhora?

VALERIA.

Uma amiga, ainda desconhecida para vós... porém vosso
esposo me conhece.

VIRGINIA.

Meu esposo, senhora? Claudio só amanhã é que o hade
ser...

VALERIA, áparte.

É amanhã!

Alto.

Direi então vosso amante.

VIRGINIA.

Perdoae, senhora, nomeae-o meu senhor.

VALERIA.

Já não é com esse nome que deve ser nomeado; essa
triste palavra — Senhor — deveis esquecel-a.

VIRGINIA.

Nenhuma das minhas passadas recordações pôde humilhar-me.

VALERIA.

Sois bem feliz!

VIRGINIA.

Feliz?!...

VALERIA.

Ao ouvir-vos ninguém deixará de conhecê-lo; tendes um accento tão terno, que ninguém deixará de amar-vos. Até eu já vos amo!...

VIRGINIA.

Vós me amaes?

VALERIA.

Que quereis!... Aquella que consagra o seu amor a Claudio, é amada de Roma tanto como o seu amante.

A parte.

Honra bem perigosa para ti!...

VIRGINIA.

Se Claudio é amado de Roma, eu que faço a sua ventura devo sel-o também!

VALERIA.

Sim, sua ventura... e só vós podeis fazel-a. Diz-se que elle vos prefere á mais nobre dama do imperio: diz-se... mas é inutil repetir-vos o que elle a vossos pés tantas vezes já terá dito com vangloria!

VIRGINIA.

Não, senhora, nada me tem dito; quando um coração como o seu se entrega espontaneamente, não procuro saber o que ha regeitado.

VALERIA.

Pelo que ouço, minha menina, não tendes ciumes!

VIRGINIA.

VIRGINIA.

Ciumes, eu, d'elle? !...

VALERIA, aparte.

Que olhar triumphante!...

Alto.

Quem mais do que vós, tão bella e tão joven poderia com uma só palavra fixar um coração tão rebelde?... Minha interessante amiga, que idade tendes?

VIRGINIA.

Dezesseis annos.

VALERIA.

Idade de ouro! É o mais bello presente que os deuses poderiam offerecer a uma noiva! O vosso glorioso hymeneu occupa o meu pensamento de dia e de noite, ou pensando nelle, ou sonhando com elle. É tão fallado na nossa grande Roma, que ao mesmo passo que vos admiram, vos lastimam!

VIRGINIA.

A mim?

VALERIA.

A vós! Eu mesma cuja amizade para convosco data de um momento, tambem vos lastimo! Claudio é voluvel, ao passo que vós sois tão terna! Suas infidelidades são mais rapidas que o relampago.

Quem sabe se elle não quebrará o idolo, pouco depois de lhe haver offerecido o incenso?!...

VIRGINIA.

Senhora... taes discursos!

VALERIA.

Vosso coração ainda está puro, é preciso que vos patencie o caminho que tendes a trilhar. Despósalo, é verdade; mas é tal a inconstancia de vosso amante, que d'aqui

a trez dias me dareis razão, e convencer-vos-heis, fraca mulhier, que elle apenas se digna amar-te um dia, porque o teu amor não póde dar-lhe honras.

VIRGINIA.

Oh! sua alma está bastante cheia deste amor; porque podendo fazer uma escolha mais elevada, é a mim que elle desposa!

VALERIA.

Os hymeneus em Roma são ephemeros; e os dos grandes, são as mais das vezes com mulheres da vossa condição, para mais facilmente se desligarem! Pobre escrava! Acreditaes talvez que sereis sua mulher?

VIRGINIA.

Se acredito?... acredito, sim, senhora! Mas essa suspeita horrivel lançada em meu peito dilacerado, é uma punhalada!

VALERIA, aparte.

Que se realisará se me resistires.

Alto.

Coragem, minha menina; quando se tem a vossa idade, o desespero ou consolação passam depressa. Tinha resolvido não desvendar a vossos olhos a traição em que Claudio arrastra a vossa infancia, mas...

VIRGINIA.

Eu tomo a sua defesa; defendo o seu amor tão grande e tão generoso.

VALERIA.

E' que o vês com olhos apaixonados.

VIRGINIA.

E os seus juramentos sagrados?

VIRGINIA.

VALERIA.

Juramentos que tem feito a outras.

VIRGINIA.

Oh! vós não podeis comprehender os nossos sonhos, a nossa felicidade! Escrava, e não conhecendo as grandezas da vossa Roma, eu só tenho por unica felicidade esse amor tão puro, que parece um extase de innelavel transporte, que de dois corações mortaes se transforma n'um anjo dos céus! Oh! vós mediríeis a sua alegria pelo seu delirio, se vossos olhos podessem ler em seu coração adorado!

VALERIA.

Então ama-te muito?

VIRGINIA.

Sim, senhora!

VALERIA.

Eu o felicito; pois pôde inflamar-se com o mesmo ardor por duas rivaes! Verdade é que os deuses fizeram-as desiguaes.

VIRGINIA.

Que dizeis?

VALERIA.

Digo, que esse fiel esposo... Mas que importa dizer-t'o se tu não és ciosa?

VIRGINIA.

Não sou, não, senhora; mas tremo e choro.

A' parte.

Senhor perdoae-me!...

VALERIA.

Adeus... é chegada a hora em que devo...

VIRGINIA.

Por piedade!... esse segredo?

VALERIA.

Quereis sabel-o?... Vós mesma me forçaes a estas tristes confidencias. Lêde esta carta, foi escripta hontem...

Da-lhe uma carta.

É d'elle.

VIRGINIA.

De Claudio !... O' desgraça !! Meu Deus! pois elle illudia sua filha, sua esposa, sua irmã ?...

VALERIA.

Nenhum juramento é sagrado a seus olhos.

VIRGINIA.

Mas eu fico perdida!

VALERIA.

Oh! não!

VIRGINIA.

Deus! que heide resolver ?...

VALERIA.

A todo o custo deves fugir; é preciso salvares-te da vergonha.

VIRGINIA.

Fugir!...

VALERIA.

Sim; abandona Roma; vem comigo Virginia...

VIRGINIA.

Comvosco ?...

VALERIA.

Sou poderosa e tua amiga...

VIRGINIA.

Ah! vós me assustaes!

VIRGINIA.

VALERIA.

Tenho compaixão de ti! vem, foge destes lugares...

VIRGINIA.

E Claudio!...

VALERIA.

Escapa-te ás suas vistas. O ar que aqui se respira é mortal. Podem-te armar laços em toda a parte para te perderem... Lembra-te da tua rival... ella é poderosa, existe em toda a parte!...

VIRGINIA.

Mas eu não commetti crime...

VALERIA.

É preciso que sirvas de victima ao seu orgulho... e succumbirás!... e quando te estendo os braços para te salvar tu hezitas ainda?

VIRGINIA.

Porém vós, ora sensivel, ora ameaçadora; vós que me protegeis quando sou innocente, que fallaes de clemencia dando-me a morte... Quem sois vós?...

VALERIA.

Quem sou?... O arbitro da tua sorte. Sim; por enquanto sou tua protectora, mas treme que não venha a ser enfim a imperatriz!

VIRGINIA.

A imperatriz!...

VALERIA.

E tua rival!...

VIRGINIA.

Deus!

VALERIA.

Comprehendes agora o perigo que corres neste lugar!... comprehendes que se a tua recusa me affrontar, posso mos-

trar-te o quanto vale a meus olhos um pouco de sangue escravo! d'um escravo, collocado tão baixo pelo destino, que pizando-o aos pés ninguém se apercebe disso; d'um escravo, finalmente, creatura tão desprezível, que um rei do Oriente manda degolar aos mil, para obter dos deuses um somno mais tranquillo!...

Pela ultima vez te offereço a minha protecção; foge... Valeria raras vezes prolonga a sua piedade.

VIRGINIA.

Espero Claudio... fico!

VALERIA.

Em casa d'um traidor... d'um indigno amante!...

VIRGINIA.

Fico em casa de meu senhor!

VALERIA.

Quiz salvar-te, eram os meus unicos votos: não quizeste...

A Sigesto.

Sigesto, tens ouvido?

SIGESTO.

Sim!

VALERIA.

Entrego-ta... acompanha-me até a sahida, e voltarás a cumprir as minhas ordens.

Sahem.

SCENA VIII.

VIRGINIA só.

VIRGINIA. Cahindo sobre um banco de marmore.

Ergue-te minha alma, e se mais forte!... Ah! Claudio, Claudio! E Deus para punir-me escolheu-o para meu es-

poso!... Por toda a parte lagrimas... por toda a parte o luto e a infamia!...

SCENA IX.

VIRGINIA LYCINIO.

Durante as ultimas palavras de Virginia, Lycinio tem entrado da direita.

VIRGINIA, no momento que vac a sahir encontra-se com Lycinio, solta um grito de terror e recua.

Ah!...

LYCINIO.

Sou eu que estava ali, e que tudo ouvi...

VIRGINIA.

Quem sois vós? não vos conheço!

LYCINIO.

Que tem isso? mais tarde me conhecerás. Virginia, escapaste-me hontem nas Catacumbas de Roma; hoje fui mais previdente e não me escaparás! Claudio não vem tão cedo, neste momento está com o Cezar tratando dos meios de se opporem á invazão de Constantino. Está seguro!

VIRGINIA.

Miseravel! que te fiz eu?...

LYCINIO.

Amo-te!

VIRGINIA, com desprezo.

Que amor!...

LYCINIO.

O amor de um condemnado, um amor que mata e dilacera talvez!

Se soubesses o que tem sido este amor desde o momento em que te vi — ha dous annos no templo de Osiris

no Egypto --!... Se soubesses os padecimentos que hei soffrido, desde hontem que se espalhou em Roma a noticia dos teus esponsaes com o meu mais odioso inimigo!... Oh! não, tu não podes calcular!

Fogo!... chumbo derretido!... mil punhaes que me atravessassem o coração, seria nada a par de taes tormentos!... Poderás tu calcular o supplicio que nos fez soffrer durante longas noites as arterias que fervem, o coração que estala, a cabeça que se rompe, os dentes que rangem contrahidos uns aos outros, — todos estes soffrimentos reunidos que nos atormentam sem interrupção sobre um pensamento de amor, de ciume e de desespero, como se estivessemos n'uma fornalha ardente?... Vê se podes calcular todos estes padecimentos e terás a imagem do que soffro desde hontem — e terás uma copia fiel do meu amor por ti!...

VIRGINIA.

Obrigado, meu Deus, por não me haveres feito amar assim!

LYCINIO.

Tem piedade de mim, Virginia; tem piedade de ti mesma! Estás entre dous precipicios; de um lado Valeria que causará a tua ruina para se apoderar do teu amante: do outro Lycinio que não recuará ante o crime, para se apoderar de ti... de um lado a imperatriz que te fará assassinar para possuir o meu rival, do outro lado o tribuno que perderá o seu rival para te possuir... Que te resta pois?...

VIRGINIA.

Resta-me o amor de Claudio.

LYCINIO.

Oh! não pronuncies esse nome: quando o dizes sinto despedaçar-se-me o coração!

VIRGINIA.

Soffres ao ouvir pronunciar o seu nome? Tanto melhor,

VIRGINIA.

porque o nome de Claudio não deixará nunca de sahir de meus labios; porque é sómente a Claudio que amo!

LYCINIO.

Desgraçada! ainda esse nome!

VIRGINIA.

E sempre!

LYCINIO.

Queres pertencer-me?

Insolente! VIRGINIA, com despreso.

LYCINIO.

Queres pertencer-me?

Miseravel! VIRGINIA, o mesmo.

LYCINIO, com colera.

Queres ser minha?

VIRGINIA.

Repito-te que pertenço a Claudio; que é só Claudio a quem adoro e que te despreso!

LYCINIO.

Ah! assim o queres! pois bem! seja embora criminoso, comtante que seja feliz!

VIRGINIA.

Infame!

LYCINIO.

Virginia, estou só contigo, e sou mais forte!

Segura-a.

VIRGINIA, debatendo-se.

Meu Deus! quem me salvará?...

Sigesto que entra neste momento, lança-se sobre Lycinio e o derruba.

SCENA X.

OS PRECEDENTES, SIGESTO.

LYCINIO, com raiva.

Oh ! miseravel escravo, desgraçado de ti !

SIGESTO.

É a segunda vez que nos encontramos em idênticas circunstancias; roga aos deuses que não te proporcionem terceira.

Soltando-o.

Vae-te !

LYCINIO.

Sim ! encontrar-nos-hemos terceira vez, mas em bem diversas circunstancias.

Sae.

SCENA XI.

VIRGINIA, SIGESTO.

SIGESTO.

Estamos sós !...

VIRGINIA.

E então ?

SIGESTO.

Pobre Virginia ! E eu hia... perdoar-me-has ?...

VIRGINIA.

Perdoar-vos ?...

SIGESTO.

Eu vim aqui para te assassinar. Porém a tua voz, teu olhar, teus encantos...

VIRGINIA.

VIRGINIA.

Tomae, tomae o meu sangue, o meu coração já não tem
lagrimas; que elle me ache morta quando voltar!

SIGESTO.

A tua voz despertou em meu coração tanto amor, que
este me retratou a imagem da minha perdida felicidade!
Se ainda sou pae, minha filha deve ter a tua idade!

VIRGINIA.

Sou tão desgraçada!...

SIGESTO.

Não; tu não o és. Aquella que contra ti armou meu
braço queria torturar-te primeiro... porém o punhal estava
em minhas mãos...

VIRGINIA.

Então ella mentiu-me... Claudio me ama?

SIGESTO.

Ama!

VIRGINIA, de joelhos.

Oh! não me mateis então... não quero morrer ainda...
a vossos pés imploro piedade!

SIGESTO.

Oh! em meu coração!

VIRGINIA.

Mas esta carta...

SIGESTO.

Ha muito tempo que foi escripta!

VIRGINIA.

Elle me ama! oh! felicidade!

Pobre menina!

SIGESTO.

VIRGINIA.

Claudio é fiel, não me lastimeis!

SIGESTO.

Mas a tua rival é poderosa e cruel. Claudio amou-a outrora; e para salvar a tua cabeça dos seus golpes, só um Deus propicio...

VIRGINIA, à parte.

O meu!

SIGESTO.

Tenho medo dessa imperatriz .. sou tambem escravo!...

VIRGINIA.

Em breve Claudio quebrará vossos ferros...

SIGESTO.

Não; poderia ser livre commettendo o crime... que fiquem em meus braços. — Antes assim! O imprudente Claudio ignora o perigo que corres... É preciso avisal-o, só o seu glorioso hymeneu te póde proteger. — Entremos no palacio.

VIRGINIA.

Que o Ceu nos guarde!

SIGESTO.

É sob a guarda do Gladiador que estas agora!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

III

O TEMPLO DE JUNO.

Quoi !
Adorez-vous des dieux ou de pierre ou de bois ?

Le Dieu de Polieucte, et celui de Nearque
De la terre et du ciel est l'absolu monarque.

CORNEILLE. — *Polieucte.*

PERSONAGENS.

CLAUDIO.
PORPHIRIO.
O SACERDOTE DE JUNO.
SABINO.
SIGESTO.
OCTAVIO.
CLEONTE.
LUCIO.
AMIGOS.
VALERIA.
VIRGINIA.

Sacerdotes, povo, lictores, escravos, escravas.

ACTO TERCEIRO.

O theatro representa o templo de Juno. A estatua da deusa está collocada á esquerda do espectador; a de Jupiter, em marmore branco occupa o meio do theatro. Ante a estatua de Juno um pequeno altar de marmore, onde se colloca o tripede.

SCENA I.

CLAUDIO, SIGESTO.

CLAUDIO.

Foi então Valeria, que para a assassinar armou teu braço?

SIGESTO.

Sim; o punhal após os adornos do hymeneu! Accarreto sobre mim o furor da sua inimiga; mas que importa? dispõe de mim.

CLAUDIO.

Atterram-me os perigos de que vejo Virginia ameaçada! Acabo de demittir-me de todos os cargos e dignidades que possuia; adianto um dia os nossos esponsaes, e o mysterio protegerá a sua pompa solitaria. Os sacerdotes de Juno decoram a fronte de Virginia com o véu do hymeneu que lugar d'aquí a pouco.

SIGESTO.

Este lugar não é sufficiente para acalmar os meus terrores; não conheceis Valeria como eu, nunca heis visto seu olhar, quando algum pensamento de vingança lhe passa pela mente! Na hora do perigo vellae em vossa esposa.

SCENA II.

OS PRECEDENTES, SABINO, LICTORES.

CLAUDIO.

Que procuras, tribuno?

VIRGINIA.

Um escravo, Sigesto.

SABINO.

Sou eu.

SIGESTO.

SABINO.

Dá-se amanhã em Roma uma grande festa: és esperado no nosso amphitheatro.

Então !...

SIGESTO, a Claudio.

Ao tribuno.

Amanhã irei... estás satisfeito tribuno?

Não.

SABINO.

Não ?...

SIGESTO.

É preciso seguir-me já.

SABINO.

Eu respondo por elle.

CLAUDIO.

Perdoae... é impossivel...

SABINO.

Que podes receiar?

CLAUDIO.

As ordens que tenho são precisas — não posso infringil-as; — elle é Gladiador...

Amanhã...

SIGESTO.

Votos innuteis !... Subtrahiste-te por quinze annos aos prazeres de Roma, e a tua fuga...

SABINO.

SIGESTO.

Era legitima... Valeria me havia libertado por um crime.

SABINO.

Não é bastante.

CLAUDIO.

Obedece.

SABINO.

Segue-me.

SIGESTO.

Este templo é um logar d'azilo.

SABINO.

E então!

SIGESTO, abraçando a estatua de Jupiter.

Não saio d'aqui; aos pés de Jupiter te espero e desafio!

SABINO.

O templo não concede azilo aos escravos.

CLAUDIO.

É a lei!

SIGESTO.

Jupiter! O' rei dos immortaes! não tens altares para os desgraçados! Que! perseguirem-me mesmo neste lugar, e negar ante os deuzes a igualdade dos homens!?... Fazer um tal ultrage a sua divindade é carregar de crimes a eternidade! Jupiter! prohibe-se ao desgraçado a oração; sou proscripto ao céu, assim como o sou na terra! Os grillhões nos separam, estes grillhões que deviam approximar-me de ti. Lei abominavel! eu te detesto.

Sacudindo a estatua.

Deus! presta-te a cahir aos meus esforços; e já que não podes ouvir-me, esmaga-me ao menos, porque assim ficarei livre!

VIRGINIA.

SABINO.

Um escravo, Sigesto.

SIGESTO.

Sou eu.

SABINO.

Dá-se amanhã em Roma uma grande festa: és esperado no nosso amphitheatro.

SIGESTO, a Claudio.

Então !...

Ao tribuno.

Amanhã irei... estás satisfeito tribuno ?

SABINO.

Não.

SIGESTO.

Não ?...

SABINO.

É preciso seguir-me já.

CLAUDIO.

Eu respondo por elle.

SABINO.

Perdoae... é impossivel...

CLAUDIO.

Que podes receiar ?

SABINO.

As ordens que tenho são precisas — não posso infringil-as; — elle é Gladiador...

SIGESTO.

Amanhã...

SABINO.

Votos innuteis !... Subtrahiste-te por quinze annos aos prazeres de Roma, e a tua fuga...

SIGESTO.

Era legitima... Valeria me havia libertado por um crime.

SABINO.

Não é bastante.

CLAUDIO.

Obedece.

SABINO.

Segue-me.

SIGESTO.

Este templo é um lugar d'azilo.

SABINO.

E então!

SIGESTO, abraçando a estatua de Jupiter.

Não saio d'aqui; aos pés de Jupiter te espero e desafio!

SABINO.

O templo não concede azilo aos escravos.

CLAUDIO.

É a lei!

SIGESTO.

Jupiter! O' rei dos immortaes! não tens altares para os desgraçados! Que! perseguirem-me mesmo neste lugar, e negar ante os deuzes a igualdade dos homens!?... Fazer um tal ultrage á sua divindade é carregar de crimes a eternidade! Jupiter! proíbe-se ao desgraçado a oração; sou proscripto ao céu, assim como o sou na terra! Os grilhões nos separam, estes grilhões que deviam approximar-me de ti. Lei abominavel! eu te detesto.

Sacudindo a estatua.

Deus! presta-te a cahir aos meus esforços; e já que não podes ouvir-me, esmaga-me ao menos, porque assim ficarei livre!

VIRGINIA.

SABINO.

O Circo te espera.

SIGESTO.

Vamos...

A Claudio.

Adeus! antes me quero com os leões do que com um Deus como este!

Sae, seguido de Sabino e lictores.

SCENA III.

CLAUDIO só.

CLAUDIO.

É o primeiro ensaio dos golpes que me destinam. Reconheço nisto os amores de Valeria: recuzou ferir a sua victima, e o seu odio é a recompensa do infeliz. — Mas eu o salvarei!... Ouço passos... Céus! Valeria!...

SCENA IV.

VALERIA, CLAUDIO.

VALERIA, entrando lentamente.

Quem são os arbitros da vossa sorte, Claudio, para ousar abdicar as vossas dignidades e titulos, sem a minha permissoão e a de meu filho?

Pausa.

Em nome do Imperador, sua mãe, vos ordena que retomeis immediatamente os vossos titulos, e o commando do exercito imperial. Diz-se que o vosso hymeneu se prepara hoje! Deverá um tal motivo separar-vos do Cezar?... Um hymeneu qualquer que elle seja, não rompe todos os laços; ha-os tão sagrados...

CLAUDIO.

Já não creio n'elles, senhora, vós os quebrasteis esta manhã.

VALERIA, à parte.

Insulta-me !...

Alto.

Que ! daes ouvidos aos ditos d'um escravo?... Sòmente os interesses de meu filho me conduzem a este lugar, para vos consultar ante os deuses. Escutae.

Constantino, — vós o sabeis, — á frente de seu poderoso exercito caminha para Roma, ameaçando desthronar meu filho para ficar senhor do imperio. Este successo é grave, e o senado quer que eu ceda enfim á razão do estado, escolhendo, entre os nomes que illustram Roma, um esposo que partilhe com meu filho um encargo muito pesado para os seus — ainda debeis — hombros : a opinião é unanime e eu vacillo ainda. Esta escolha, tu o vês, é d'alguma importancia, o esposo de que o Imperador reclama a assistencia deve ser illustre, poderoso e amado dos romanos. Entregolhe meu filho como um sagrado deposito, e dou-lhe por dote meio mundo... — o imperio romano !... A esperanza do futuro funda-se na sua virtude ; se o supremo poder não commover seu coração, uma maior gloria póde tentar sua coragem : — a de prevenir um immenso naufragio, a de reunir em sua mão potente os fragmentos desunidos do imperio romano ; póde vir a ser a segunda alma deste corpo mutilado, póde ressuscital-o, e ganhar assim essa immortalidade que a humanidade offerece aos heroes vencedores !

Vossos conselhos, Claudio, ou ou reclamo ; fallae.

CLAUDIO.

Que ! dignaes-vos consultae-me, senhora ? Eu vos agradeço tão elevada honra !

VALERIA.

Claudio póde surprehender-se de uma honra que de mim recebe ? Se Claudio ha guardado na memoria os nossos beneficios, e a sua propria gloria, se não ha olvidado que laços o ligam ao throno, deve tambem lembrar-se que não é esta a maior honra... Claudio, sacudir tão bruscamente a alta dependencia em que se acha, rejeitar de uma vez todas as grandezas com que a nossa munificencia o accumulou, é

caminhar para um abysmo... Ousae fallar; dizei o que o amor de Roma vos inspira!...

CLAUDIO.

Dois imperadores fariam a desgraça do imperio; vosso filho não póde repartir os seus direitos, porque dividir o poder seria aniquilal-o; e, longe de reter Roma na sua quéda immensa, não faria mais do que aproximar a sua ruina. Foi este o escolho em que naufragaram Maximo e Balbino: dois thronos reunidos se transformaram em um tumulto; porque sahidos do senado em uma das suas festas, o pretorio reenviou ao senado as suas cabeças!

VALERIA.

Seriam meus desejos comprehendidos por vós, ou escarneceis da opinião que vos pedi? Não elevastes os olhos assás alto para lêr o nome que destino a proteger o imperio?

CLAUDIO.

Só vosso filho deve guardar o supremo poder.

VALERIA.

Ha taes affrontas que se não podem prever!... Uma recusa, apoiada com um ironico exemplo?... Para que vim eu a este templo com o rubor nas faces fazer um ultraje aos deuses?... Foi por este insensato amor que causa toda a minha vergonha; é por elle que se sóbe ao throno dos Cezares; por elle podeis reinar!...

CLAUDIO.

Vosso filho possue os meus juramentos de fidelidade...

VALERIA.

Se Sigesto fallou-vos, não receaes de mim ainda? Para punir aquella que me preferis, tudo hei de tentar? Sabeis com que fachos posso fazer rodear a pompa que em seu nome ha pouco ordenastes? Sabes que a este altar aonde

o vosso crime a conduz póde mudar-se para ella em altar de sacrificio? e que os deuses a quem o hymeneu aqui ousa invocar pedirão sangue se eu lhes ordenar que fallem?!...

Conheço o vosso credito; conheço que o vosso nome é recommendado aos soldados do pretorio pelas victorias que alcançastes; se cabirdes podeis involver-me na vossa quèda; o raio que despeço póde ferir-me tambem; mas que importa que eu caia e o imperio se a minha rival antes de nós descerá ao tumulo? Dando livre curso ao meu ressentimento, triumpharei della ao menos por alguns instantes. Oh! esmagar uma escrava e um imperio é a maior victoria que posso aspirar!... E a escrava é minha rival!... e eis-a!hi seu esposo!... o esposo de uma miseravel... de uma Virginia!...

CLAUDIO.

Virginia!... Oh! ousastes manchar esse nome com vossos labios impuros! — devo pois fallar... cuspistes o insulto na minha frente, eu conservei-me silencio, — tendes o direito de me chamar cobarde! — Sim, cobarde, mil vezes cobarde é todo aquelle que se expoe ao dever do reconhecimento pelo amor de uma mulher, porque, o trabalhador que para ganhar o sustento no campo com o suor de seu rosto, se expoe aos raios ardentes do sol ou aos vendavaes da tempestade; o pobre soldado que se dedica pela gloria a uma morte certa; o pallido condemnado, sim, o condemnado que ganha o seu pão negro sob a ameaça do azorrague, que arrasta aos pés a grillheta, mas que ao menos a não arrasta ao coração; são mais felizes, mais dignos, mais honrados que o cobarde que deve alguma cousa á humilhante generosidade de uma mulher!... Os vossos titulos e honras eu os desprezo — já vol-os enviei; de tudo o que de vós recebi só existe esta coróa — ganhei-a nos campos de batalha — mas veio de vós e eu a calco aos pés.

Tira a coróa da cabeça e calca-a aos pés.

Desde o dia em que a possuo, é este o unico instante em que me mostrei digno della!...

VALERIA, suffocada pela colera.

Oh! este ultimo insulto vos eleva ao nivel de meus gol-

pes... Abaixavam-se até ti da altura do throno; insensato! esquecei em seus braços adorados uma corôa; esquecei os vossos juramentos e os que vos hei feito, até á hora em que os vossos olhos virem os seus effeitos. Preparastes a vossa quéda... desgraçados dos hymeneus que se celebrarem hoje em Roma!

Sabe.

SCENA V.

CLAUDIO, só.

Não; não esperarei o effeito do teu furor! Pela primeira vez da minha vida tenho medo! Sim, por ella, fujamos! é preciso que me exile... a Galia é um asylo seguro para o nosso amor... Elles chegam...

Ouve-se a musica do hymeneu.

Fugiremos de Roma ao deixar este lugar.

SCENA VI.

CLAUDIO, VIRGINIA, com a corôa e véu nupcial. O SACERDOTE de JUNO, OCTAVIO, LUCIO, CLEONTE, amigos, sacerdotes, escravas, etc.— Os sacerdotes trazem o tripede acezo ante a noíva.

CLAUDIO.

Virginia!

SACERDOTE de JUNO.

Antes que os nós immortaes reunam dous corações em um só destino, invoquemos todos os deuses guardas do hymeneu; Jupiter tutelar, a grande Juno e todos os que de Roma eternizam o nome. Collocae o sacro fogo sobre o marmore sagrado.

Os sacerdotes collocam o tripede sobre o altar de marmore ante a estatua de Juno. Ouve-se rumor de povo fóra.

Mas que tumultuoso rumor profana a santidade deste lugar?

Céus!
CLAUDIO, á parte.

O SACERDOTE.

O povo se adianta a passos precipitados.

CLAUDIO, á parte.

Ah! Valeria, Valeria!

VIRGINIA.

Que será, Claudio?!

SCENA VII.

OS PRECEDENTES, SABINO.

SABINO.

Nossos deuses são insultados; ante a porta deste templo um vil nazareno acaba de blasfemar as nossas festas.

O SACERDOTE.

Um christão! um christão!

SABINO.

Mandei-o prender pelos meus lictores e para aqui o conduzem, afim de vos ser entregue.

O SACERDOTE.

Confundirei, tribuno, o seu insensato furor.

CLAUDIO.

Acaba de abençoar a festa começada.

O SACERDOTE.

Eu abençoar o vosso hymeneu n'um altar ultrajado, quando Jupiter espera ser vingado? Quando um nazareno ousa blasfemar-o?!

64

VIRGINIA.

CLAUDIO.

Ah! vem Virginia!

Quer sahir.

SCENA VIII.

OS PRECEDENTES, PORPHIRIO prezo, LICTORES, POVO.

SABINO.

Ao deus vingador entregamos este christão.

VIRGINIA.

Porphirio!...

CLAUDIO a Virginia.

Saia-mos.

VIRGINIA.

Fiquemos, Claudio.

O SACERDOTE.

Diz-se que ameaçamos este templo com os olhos...

PORPHIRIO.

Vossos muros se desmoronam quando os contemplo?

O SACERDOTE.

O orgulho te inspira essas blasphemias.

PORPHIRIO.

O orgulho é a virtude dos adoradores dos vossos deuzes.

O SACERDOTE.

É preciso que curves a cabeça ao seu nivel.

PORPHIRIO.

Ao nivel do cutêlo ou do gladio... está prompta!

O SACERDOTE.

Com a fronte no pó, adora estes logares...

PORPHIRIO.

Não; o pó aqui serve para formar os vossos deuses.

O SACERDOTE.

Assim pois, pretendes na tua austera demencia, dos benefícios dos nossos deuses desherdar a terra? pretendes aniquilar os lares paternos primeiros guardas de Roma e eternos como elles? Não ousando levantar os olhos até tanta gloria pretendes derrubar o altar de seus triumphos? Innovador sacrilego, que nos offereces tu para substituir o templo abatido a teus pés? Um não sei que Deus predito pela Chaldéa, que a Judéa fez surgir dos seus estereis cochados! Deus de enfermidades, de desgraças, de desordens, exogindo da terra um longo tributo de lagrimas — Deus sem throno e sem nome, nascido no opprobrio de que vós partilhaes o sangue e a carne!

PORPHIRIO.

Sim; partilhamos essa carne fraterna; sim, bebemos esse sangue na sua eterna nascente! mysterio d'um amor que tu não comprehendes, esse sangue delicado fermenta, aquece nossos corações e brada-nos: — Espera! Não faz duas partes do filho do mesmo pae; vem, thesouro de todos, com o sello da igualdade imprimir em nossa fronte remoçada a humanidade, a santa humanidade, que mais poderosa que Roma para um infinito fim caminha como um só homem, e que deve d'ora ávante, com os olhos fixos na Cruz subir de seculo a seculo até chegar ao nível de seus direitos! Choramos tambem, dizes tu; o luto envolve nossas frentes; sim; derramamos lagrimas para expurgar vossas fésias! recolhemos todos aquelles que a tua Roma proserve, para abrir á desgraça os braços de Jesus Christo! Porque os teus deuses morreram no dia em que junto ao vosso Jupiter adorastes Tiberio: esta fraternidade de deuses tão desiguaes, veio atulhar os vossos templos de tyrannos, e pro-

fanou por toda a parte com illegitimo insenso o vosso Olympo, que cahiu sob o pezo de tantos crimes!

O SACERDOTE.

Se pudesse cahir seria sobre a fronte do teu Deus, que com os pés os meus esmagariam! De todos os vis christãos o supplicio se apresta.

VIRGINIA.

Céus!

CLAUDIO.

Cala-te!

PORPHIRIO.

A morte é a nossa conquista, queimae a nossa carne, esmigalhae os nossos ossos, substitui os leões aos carrascos, que nos importa? Se por um momento o somno se apodera das palpebras do christão, quando é preciso morrer todo o christão desperta! Na Azia, no Egypto, em Thebas, no recinto dessas muralhas as palmas mortuarias florecem cada vez mais: os martyres fazem germinar a sua secunda semente: a morte ferindo-nos ressuscita o mundo; porque todo o christão é cioso de corôar a sua sorte, caminhando á victoria apoiado na morte!

O SACERDOTE aos Lictores.

Arrastae-o d'aqui!

VIRGINIA.

Suspendei!... As palmas funerarias que se preparam para elle são tambem para seus irmãos, cançados de soffrer a affronta de uma felicidade sem perigo; para cingir essa corôa elles elevam a cabeça.

CLAUDIO.

Deuses!

PORPHIRIO.

Que dizeis?

SABINO.

A sua causa é tambem a tua?

O SACERDOTE.

Porque o defendes?

VIRGINIA.

Porque... sou christã !...

CLAUDIO.

Virginia !...

SABINO.

Oh ! crime !

PORPHIRIO.

Oh ! sagrada dedicação !... Ah ! eu te reconheço !

CLAUDIO.

Oh ! eu a defenderei... para arredal-a de ti meu amor a cerca.

PORPHIRIO.

Se a amas, romano, deixa-lhe a sua corôa !

O SACERDOTE.

A tua é a morte !

CLAUDIO.

Que fizestes ?

VIRGINIA.

O meu dever !

PORPHIRIO.

Toma lugar junto a mim.

CLAUDIO.

Desgraça !

VIRGINIA.

Acabo de vêr um anjo radiante e tranquillo pairar em torno de vós; elle me attrahia o coração; estendia-me a palma; seu olhar transformava em affectos o meu terror: elle se occultava a todos, mas eu via-o e o vejo sempre !

O SACERDOTE.

Donzella desvairada...

CLAUDIO.

A familia de um cidadão romano é sagrada, povo ; ella é minha esposa.

SABINO.

Esse odioso hymeneu ainda se não havia concluido.

CLAUDIO.

Ao altar dos nossos deuses não veio ella livremente esta manhã ?

O SACERDOTE.

É verdade, povo !

CLAUDIO.

É verdade !

VIRGINIA.

Claudio !

CLAUDIO.

Oh ! de algum horrivel maleficio esse homem se servio para a desvairar !

O SACERDOTE.

Dizeis a verdade !... Estes christãos que todo o inferno inspira, vem para insultar os nossos deuses immortaes, profanal-os até ao pé dos altares !— Que tragam o incenso. Rompendo a nuvem funesta seus olhos se abrirão á luz celeste !...

PORPIRIO.

Ella é livre...

CLAUDIO, a Virginia.

Oh ! tu não quererás, para correr á morte, arrancar-te de meus braços, — pertences-me, entregaste-te a mim pelo coração, serás por elle condemnada, condemnada em qualquer tempo, condemnada em qualquer lugar. Sou teu esposo, teu unico Deus, teu unico apoio, a tua unica felici-

dade, a tua unica esperança!... A toda a parte onde fôres lá me acharás com transporte para viver da tua vida ou morrer da tua morte; sim, porque a tua morte é a minha... Oh! o teu terror me escuta... não é só a minha morte que tu receias, tu me amas?...

VIRGINIA.

Claudio!...

CLAUDIO.

Tu me amas!... grito poderoso! teu amor qualquer que elle seja, torna o coração innocente! Um pouco de incenso aos deuses, eis o teu sacrificio; o meu tu o conheces... Roma, a Imperatriz, todos os dons da gloria e uma posição triumphante; dize, não é igual o sacrificio?

VIRGINIA.

Oh! minha razão se perde!...

CLAUDIO.

Virginia! Virginia! perdôa se te recordo agora tudo o que abandono; todos esses thesouros, todos esses homens, toda essa gloria de que me serviria se tenho de perder-te!... Vive, Virginia, e eu possuirei tudo isso possuindo-te! Oh! deixa que te aperte a meu coração! dize a todas estas testemunhas qual o deus que teu coração adora; retoma á sua vista os dons de teu esposo! Uma só palavra tua é bastante... pronuncia essa palavra e o nosso hymeneu se con- ciue. Sacrifica-te a mim, a mim só!...

VIRGINIA.

Meu Deus! que sonho!...

CLAUDIO.

É um sonho de amor... é o nosso altar de hymeneu... segue teu esposo!

O SACERDOTE.

Ella segue seu esposo ao altar.

VIRGINIA.

PORPHIRIO.

O divino esposo a chama ás glorias do martyrio.

CLAUDIO.

Vem... vem!...

Vae arrastando-a para o altar.

VIRGINIA.

Eu te amo !... onde estou ?...

CLAUDIO.

No altar !

VIRGINIA.

No altar !...

Derrubando o tripede.

Ah! que o seu incenso se apague... eu vou esperar-te no ceu!

Cahe de joelhos.

POVO.

Sacrilegio !

O SACERDOTE.

A arena servir-te-ha de tumulo !

PORPHIRIO.

A arena eleva-se até ao ceu quando algum martyr ahi cae ! e todo o christão ferido e derrubado nesse lugar só se levanta á direito de Deus !

Levantando-a.

Idolatra, das-lhe para abandonar a sua constancia os bens em que a vossa alma poz a sua existencia, prazeres, thesouros, grandezas, um esposo adorado, illustre por tres seculos de avós e por si mesmo illustre : eu em troca desses dons que lhe offereces, só lhe offereço a morte... E é a mim que ella prefere !

Lictores ! O SACERDOTE.

Que! teu furor !... CLAUDIO.

O circo os espera !... O SACERDOTE.

CLAUDIO, levando a mão à cintura.

Sem armas! Oh! primeiro passareis por cima do meu corpo!

Adeus, Claudio! VIRGINIA.

Não ; nunca !... CLAUDIO.

Que os separem !... O SACERDOTE.

Infame! CLAUDIO.

Os lictores o separam de Virginia e o arrastam para dentro.

Perdi meu esposo ! Men Deus! VIRGINIA.

PORPHIRIO.

E Deus te restituirá a sua alma !

FIM DO TERCEIRO ACTO.

IV.

AS IMPRECAÇÕES E O AMPHI- THEATRO.

Rome.
Que le courroux du ciel, allumée par mes vœux,
Fasse pleuvoir sur elle un déluge de feux !
Puissé-je de mes yeux y voir tomber la foudre,
Voir ses maisons en cendre, et ses lauriers en poudre,
Voir le dernier Romain à son dernier soupir
Moi seule en être cause, et mourir de plaisir !

CORNEILLE. — *Les Horaces.*

A nos solennités nous invitons la mort,
De monstres pour nôt jeux nous depeuplons le monde,
Nous melons le cirque, où fume un sang immonde,
Les tigres d'Hircanie aux barbares du Nord.

V. HUGO.

ACTO QUARTO.

(PRIMEIRO QUADRO).

O subterraneo do Circo occupando o primeiro plano, bancos de pedra; á esquerda do espectador uma porta com grades de ferro, outra á direita; um archote acceso espetado no chão, ao fundo.

SCENA I.

A SIBYLA, UM ESCRAVO GERMANICO, UM ESCRAVO GAULEZ, UM ESCRAVO DACIA, jogando os dados sobre uma pedra, ESCRAVOS, presos uns aos outros com correntes estão assentados no chão.

A SIBYLA, encostada a uma columna.

Não ouvis perto de nós o rugido dos leões?

UM ESCRAVO GAULEZ.

Sim.

A SIBYLA.

É o grito dos demonios que me chama sua rainha; isto lisonjeia os meus ouvidos.

UM ESCRAVO GERMANICO.

E as tres palavras gravadas no meu braço esquerdo são de bom agouro? posso fiar-me neste talisman?

A SIBYLA.

Protegido por esse signal, has de vencer.

O ESCRAVO GAULEZ.

O imperador assistirá? fará presentes aos contendores?

O ESCRAVO GERMANICO.

É muito moço ainda!

VIRGINIA.

A SIBYLA.

Tem quinze annos.

O ESCRAVO GAULEZ.

Occupa o seu tempo em estafar os corceis.

A SIBYLA.

E Roma faz a segunda parte, atrelando -se ao seu carro.

O ESCRAVO GERMANICO.

Ao menos beberá.

A SIBYLA.

Qual! ainda não principiou a reinar.

O ESCRAVO GAULEZ, deitando os dados.

Treze... ganhei!... Diz-se que os christãos votados ao Deus do Tibre, serão sacrificados?...

TODOS.

Que importa!... Bebamos!

O ESCRAVO GAULEZ.

É o nosso banquete livre... o banquete dos martyres...

O ESCRAVO GERMANICO.

Ou o dos Gladiadores, que vem a ser o mesmo.

O ESCRAVO GAULEZ, á Sibyla.

Devias ter trazido contigo a tua companheira...

O ESCRAVO GERMANICO.

Cada um teria a sua Sibyla.

A SIBYLA.

Mandastes-me vir aqui para vos predizer a vossa sorte :
estou ás vossas ordens...

SCENA II.

OS PRECEDENTES, SIGESTO.

SIGESTO, entrando.

Os deuzes vos salvem !

TODOS.

Quem falla assim ?

SIGESTO.

Eu !

O ESCRAVO GERMANICO.

Tu em Roma outra vez ?

SIGESTO.

Sim ; fugi d'Alexandria ! um verdadeiro Gladiador só em
Roma pode encontrar uma patria... Deixae-vos estar : gosto
de ver-vos assim sobre as pedras, quando o ruido das ca-
deias se mistura com o dos dados !...

O ESCRAVO GALLEZ.

Embriagamos a razão nos nossos ultimos prazeres.

O ESCRAVO GERMANICO.

Jogamos para entreter os ultimos instantes que talvez
nos restam de vida.

SIGESTO.

Hei de ser eu que combaterei primeiro. É a ordem do
pretor.

O ESCRAVO GAULEZ.

Chamam-te sempre o bello Gladiador. Creaste grande
fama pelos divertimentos que aos romanos deste no Circo.

SIGESTO.

Em vez de divertil-os desejava poder queimal-os.

O ESCRAVO GERMANICO.

Teremos uma hyena e quatro leopardos; serás applaudido, festejado de toda a parte.

O ESCRAVO DACIA.

E talvez abraçado pelas damas romanas.

SIGESTO.

Beijos de Messalinas apoz os dos hyenas !

O ESCRAVO GAULEZ.

Bebamos, meus amigos, bebamos !

Enche as taças.

SIGESTO, com a taça na mão.

Oh ! quem me dêra que em vez desta taça fosse um crânio de imperador, para n'elle saciar a minha colera !

Bebe.

Valeria mandou-me prender...

Reparando na Sibyla.

Que faz aqui esta Sibyla ?

O ESCRAVO GERMANICO.

Mandamos chamal-a para nos ler a nossa sorte, antes da morte que himos affrontar. Os seus talismans...

SIGESTO.

Não creio n'elles.

A SIBYLA, approximando-se de Sigesto.

Duvidas da minha arte, e a altivez com que o fazes.

offende o meu character. Escravo, os imperadores romanos vesitam o meu antro e muitas vezes rodeados das trevas que me cercam, vejo-os a meus pés, limpando a poeira de meus velhos escabelos, com seus mantos de purpura e ouro! — Ah! tu duvidas do meu poder, fraco Gladiador! — O Circo vae abrir-se, com tua fronte triumphante vae ganhar louros, para occultar as chagas de teu corpo! Eu tenho louros tambem, mas não tenho feridas. Queira eu com meus dedos abrir os cyclos dos meus trez anneis, e vereis repentinamente um enxame zumbidor de espiritos infernaes esvoaçar por toda a parte, e vereis vossos palacios estremeceram, o Capitolio vacilar, a arvore das grandezas sacudir cabeças de imperadores, como se fossem frutos, e os thronos derrubaram-se. É em seus braços vingadores que a Sibyla vos imbala. A terrivel Sibyla, que na sua luta perpetua não ha recebido apoio d'ahieta algum, e que só de noite, se seus olhos não dormem, faz pairar sobre as vossas cabeças a tempestade de suas vigílias. Roma não tem mais oraculos, só tem as nossas lições; os deuses desaparecem da cidade eterna e nós os substituímos, calcando aos pés seus cadaveres celestes; e quando seu fogo sagrado se extingue em toda a parte, o clarão do futuro brilha em nossos olhos! Daceas, gaulezes, germanicos, sem remorsos o digo, quando ides morrer a amizade nos reúne; mas passado o perigo desconheço-vos a todos, e o inferno todo se colloca entre nós!

O ESCRAVO GAULEZ.

Que dizes?

O ESCRAVO GERMANICO.

Deixa-a; é uma chispa entusiastica que della ás vezes se apodera.

SIGESTO.

É a chamma dos demonios que lhe substitue a alma. Mas, apoz tudo, que me importa? qualquer que seja a voz que amaldiçou-a é bem vinda para mim! Dizias que á tua podias evocar as tempestades? Antes que nos chamem para morrer na festa, vem arrojear as nossas imprecações a este povo deshumano!...

A SIBYLA, indo arrancar o archote que está no fundo.

Nunca fogo mais ardente, ardeu no meu antro!

SIGESTO.

Amaldiçoemol-o!... e surriremos depois no seu amphitheatro!

TODOS.

Sim! sim!

O ESCRAVO GERMANICO.

Vinde deuses dos infernos! envermelhecei no vosso fogo os elos das nossas cadeias, para depois com ellas cingir os flancos desta Roma immunda!

A SIBYLA, agitando o archote.

O escravo desperta para amaldiçoar o mundo!

O ESCRAVO GAULEZ.

Roma! — os Céus permittam que sobre a tua cabeça criminosa se levante uma tempestade eterna! que todos os flagellos do universo caiam sobre ti, ao som dos nossos gritos de vingança!

A SIBYLA.

Não póde haver mais pezado flagello que o da escravidão!

SIGESTO.

Roma, que o teu falso Olympo desmoronando-se te esmague, quando cahir o teu grande Gladiador! Oh! que um raio nos abra uma sepultura bem profunda!

A SIBYLA.

O raio ao tinir das cadeias esmagará o mundo. Tu, tu que vaes gozar dos seus ultimos instantes, que vacilas sobre a terra a cada passada do tempo, ó Roma, ah! que não possa antes da minha agonia, livrar o futuro do teu horri-vel genio! Que não possa aos abutres entregar com o meu o teu perpetuo cadaver, e ver contente antes dos meus fu-

neraes, a tua loba com dentes de bronze dilacerar tuas entranhas!... Roma eu te amaldiçou-o!

TODOS.

Nós te amaldiçoámos.

SIGESTO.

Muito bem!

A SIBYLA.

Exceptuo, porém, o joven imperador. Respondo por elle ao imperio, e á sua nobre familia. — Ao menos em quanto viver certa donzella...

SIGESTO.

Como sabes isso?...

A SIBYLA.

Oh! se eu ouzasse fallar... É uma historia que vos faria tremer!...

SIGESTO.

Ah! devéras!...

A SIBYLA.

O imperador a mim deve o seu nascimento... Um maleficio horrivel de que nada iguala o poder... uma creança arrancada ás entranhas maternas antes do tempo marcado...

SIGESTO, com força.

Que! foste tu?!...

A SIBYLA, interdita.

Porém..

SIGESTO.

Olha-me bem, não te recordas de mim?

A SIBYLA.

Deuzes!

SIGESTO.

Reconheces o esposo da victima?

TODOS.

Que mysterio!...

SIGESTO.

Um crime horrivel!... Que! tuas mãos para descobrirem um philtro, dilaceraram o seio que em si trazia meu filho? e em suas entranhas abertas, teu olhar de pantera viu os ultimos suspiros d'um coração de mãe!... Oh! tinham-me ligado o corpo com tres cadeias de ferro, e foi por isso — intame — que te não sufloquei com meus braços!...

A SIBYLA.

Aquelle vinho de Scyros alterou tua cabeça! Tranquilisa-te, fallemos com calma; todo o Gladiador precisa de sangue frio.

SIGESTO, tirando o punhal.

Toca-te a tua vez agora, e que a tua morte...

O ESCRAVO GAULEZ, impedindo-o.

Suspende!

A SIBYLA, tranquillã.

É começar mui cedo os prazeres da festa!

SIGESTO.

Oh! deixae-me com este ferro...

A SIBYLA.

Sim, fere. Todavia, minha arte podia fazer-te um serviço importante. Não procuras tua filha?

SIGESTO.

Sim.

A SIBYLA.

A sciencia me fornecerá meios de em breve ta lançar nos braços...

SIGESTO, recolhendo o punhal.

Ah! está salva a tua vida se tal acontecer!... Falia...
falia, eu te escuto.

Silencio de Sibyla.

Então!...

A SIBYLA.

Não ha tempo agora, nem o lugar e proprio de preparar
por tua causa o negro maleficio. É preciso que elle seja
tão poderoso!...

SIGESTO.

Desgraçada de ti, se procuras por algum artificio esca-
par ao meu furor!

A SIBYLA.

Oh! sê menos desconfiado!

SIGESTO.

Minha filha então...

A SIBYLA, animando-se.

Dá-me os meus véus venenosos, meus philtros energí-
cos, o bronze revelador de meus tripedes magicos; os
meus amores — os cadaveres recentes de creanças — dá-
me tudo isto, e eu vou descobrir já tua filha...

SIGESTO.

Sibyla infernal, sou acaso da tua familia?... Só tenho o
meu gladio.

A SIBYLA.

Não é bastante. Ambos temos hoje dons combates diffe-
rentes... Vae á noite á minha habitação... Não receias en-
trar nos meus escuros reinos?

SIGESTO.

Receio mais as tuas traições, que os teus phantasmas.

VIRGINIA.

A SIBYLA.

Para encontrar tua filha degolarei tres creanças !

SIGESTO.

E encontral-a-has ?

A SIBYLA.

Sim; já eu principio a descobrir na minha mente... tem os cabellos louros das filhas da Galia... os olhos azues de tua esposa...

SIGESTO.

Tem no hombro a traça de teu crime...

A SIBYLA.

Sim, o signal do ferro... a marca do punhal... vel-a-has, ainda que para isso me seja preciso empregar para com o pãe, o philtro que outr'ora serviu contra a mãe.

Ouve-se fora o rumor dos lictores.

TODOS.

Ao Circo... estão á nossa espera.

A SIBYLA.

Até á noite.

SIGESTO.

Sim; vou combater na arena... apoz os leões serei contigo !

A SIBYLA.

Bem !

Sae pela esquerda, os Gladiadores pela direita.

FIM DO PRIMEIRO QUADRO.

(SEGUNDO QUADRO).

O interior do amphitheatro occupando toda a extençãõ da scena. A' direita do espectador e no plano mais proximo do proscenio, a tribuna imperial de Valeria adornada com riqueza. — Leões e tigres estão figurados por detraz das grades inferiores. Uma porta no fundo do Circo, outra à esquerda do espectador. As arcadas e galerias do amphitheatro estão cheias de povo em toda a sua circumferencia.

SCENA I.

VALERIA, O SACERDOTE DE JUNO, com as insignias do flamineo, na tribuna; GLADIADORES, BACHANTES, AMAZONAS, no circo, POVO, nas galerias e arcadas, SABINO, na tribuna imperial, depois, LICYNIO.

SABINO, baixo a VALERIA.

O flamineo fallará.

VALERIA.

A minha vingança é certa.

SABINO.

A christã será conduzida a arena.

VALERIA.

É tudo o que eu quero: agora acredito nos deuzes de Roma... satisfazem os meus votos.

SABINO.

Claudio está preso tambem.

VALERIA, surpreso.

Preso !... porque ?

SABINO.

Por ordem do Cezar... mas ignoro a razão...

VIRGINIA.

VALERIA.

Parte já, e procura descobri-la.

Sabino sac.

POVO.

Começae, começae!

O SACERDOTE DE JUNO.

O povo está impaciente, começae!

LYCINIO, apparecendo.

Dos christãos que nontem foram prezos no templo, qual delles vae ser immolado?

VALERIA.

O mais velho... porque essa pergunta.

LYCINIO.

Simples curiosidade.

A' parte.

Não é ella!

Sac.

Grande bailado; combate entre as Amazonas. — Grupos de bachantes e Gladiadores; combate geral ao sobre e escudo, entre as Amazonas e os Gladiadores, — combate de quatro. — Final. — Todas as personagens do Circo vão collocar-se na galeria do fundo, menos os Gladiadores.

SABINO, entrando pouco antes do — final — a Valeria baixo.

Senhora...

VALERIA.

Então?

SABINO.

Diz-se por toda a parte, que é por ter communições com o exercito de Constantino... Mas por um lictor, confidente de Lycinio, soube que a christã é a causadora da prisão.

VALERIA.

Como? !...

SABINO.

Lycinio ama-a loucamente...

POVO.

Os leões, os leões! — O Gladiador!

SCENA II.

OS PRECEDENTES, SIGESTO.

SIGESTO, entrando pelo fundo.

Eis-me aqui! — Desencadeae os leões— estaremos juntos perfeitamente! É preciso que nos reunamos? reunamo-nos pois!

Romanos, este grande Circo apraz sempre ao Gladiador: aqui elle poderá cahir com altivez! esta arena me viu no apogeu da minha gloria, coberto de feridas, combater contra tigres e leões— e não desanimar!... Romanos, trago-vos apoz meus longos trabalhos, as cicatrizes que em meu corpo deixaram seus dentes ferozes! Quinze annos de ausencia em nada mudaram a minha natureza exforçada! Que venham, eu os espero e triumpharei...

A' parte.

Porque quero ainda ver minha filha.

Alto, com a mais profunda ironia.

Reis do Circo, o Circo é uma das vossas glorias! As vossas conquistas gloriosas, foram substituidas pelas festas e jogos! Tendes razão! bastantes arcos de triumpho se elevam já em Roma! — Vossos corações devem estar enjoados de combates— tendes leões para guerrear em vez de inimigos, que os vossos antepassados hão vencido!... É uma gloria digna de vós e dos vossos maiores!...

Pausa.

Aqui estou! que me quereis? É preciso ceifar a cabeça a algum escravo Sarmata ou Germanico? — Ordenae, disponde do meu zelo; gósto do aroma do sangue alheio

quando o meu se mistura com elle; gósto do amphitheatro, porque é a minha patria, porque me offerece louros, ante os quaes impallideceria a fronte dos vossos heroes; porque finalmente vós applaudis com enthusiasmo, quando se sabe morrer com elegancia !...

O SACERDOTE DE JUNO.

O céu me ordena, e é em seu nome que eu fallo. Alguns christãos mancharam o templo de Juno, os deuses estão irritados, e nuvens negras envolvendo o Olympo annunciam uma immensidade de males. Em vão sejam abertos os llancos dos touros do sacrificio, em suas entranhas fumegantes que examino com attenção, Juno não responde aos votos do seu sacerdote. O seu altar profanado deixa-nos sem sustentaculo, se a affronta se não lava com o sangue de um christão. Sim, collocae vossos prazeres debaixo dos seus immortaes auspicios. São precisos jogos ao povo e sacrificios aos deuses; entre elles e Christo, Romanos, existe uma guerra de morte!... Para conjurar a tempestade que nos ameaça, immolemos um christão, com aquelle sangue tirado da sua nascente impura, a clemencia dos deuses se estenderá sobre nós!

POVO.

Morte aos Nazarenos!

SIGESTO, com ironia.

Romanos, obedecerei e inclino desde já a minha fronte ante uma sentença tão sagrada!

A multidão de christãos vos insulta? com meu braço de escravo, vingarei vossos deuses e punirei seu crime!... Todavia teria preferido combater com as fêras.

SCENA III.

OS PRECEDENTES, VIRGINIA, com os trages de martyr, — tunica azul e longo véu branco.

Em quanto os escravos que a Introdzem no Circo lhe tiram as correntes, Sigesto examina o gladio e o punhal que outro escravo lhe tem trazido.

VIRGINIA.

Tua serva, meu Deus, te leva um coração docil! A areia do Circo é fertil em palmas quando nosso sangue a rega, e nestes grandes combates uma messe de mais florece a cada passo.

SIGESTO.

Coragem, Sigesto! é a voz de uma mulher; e tu tinhas-te preparado para outra obra.

Volta-se e reconhece Virginia.

Deuzes! Virginia! Sois vós... será possível... vós christã?

VIRGINIA.

Martyr!

SIGESTO.

E Claudio?

VIRGINIA.

Está preso! Tomae a minha vida, e Deus me restituirá a sua alma!

SIGESTO, ao po o.

Romanos, já recusei assassinar esta mulher, e a imperatriz bem o sabe...

O SACERDOTE DE JUNO.

O povo está á espera.

SIGESTO.

Mas eu que quero fallar, o povo que espere... Perdoae... eu a conheço... ella não é christã...

VIRGINIA.

Sou, sou!

VIRGINIA, elevando a voz.

SIGESTO, a meia voz.

Minha voz cobrirá a tua...

Alto.

Poupa a victima, e tomae o carrasco!

O SACERDOTE DE JUNO.

A cada um o lugar que lhe pertence.

VIRGINIA.

O meu é o mais bello!

SIGESTO, implorando. -

Por dez annos, vinte annos, virei combater só, contra todos os meus semelhantes no vosso amphitheatro... mas popae-a!...

VALERIA, ao Sacerdote de Juno.

Que longo debate!

SIGESTO.

Romanos...

POVO.

Não... que morra...

VALERIA.

Que a entreguem aos leões, se o escravo se obstina.

SIGESTO.

Oh! não darei tanta alegria a Valeria!

A Virginia.

Approxima-te para morrer!

VIRGINIA.

Para viver!...

SIGESTO.

Inclina-te... o golpe será rapido.

VIRGINIA, de joelhos.

Senhor, recebe-me entre os escolhidos. Assim como de meus braços acabam de tirar as cadeias, digna-te também tirar de meu peito toda a dor humana! Nada mais de lágrimas, nada mais de escravidão na terra! É livre ao morrer, aquelle que morre por Deus!

SIGESTO, à parte

Sua voz me faz mal!... Vamos, meu braço, acaba a tua obra.

Alto a Virginia.

É preciso tirar este veu...

VIRGINIA.

Oh! não, não!

SIGESTO.

Deixa... poderei não acertar logo com o coração, — isto fazer-te-hia soffrer muito.

Quer tirar-lhe o veu.

VIRGINIA, impedindo-o.

Piedade!

SIGESTO, tirando-lhe.

Deixa-me descobrir teus hombros...

Soltando um grito.

Céus!

VALERIA.

Como é formosa!

SIGESTO.

Ali... aquella cicatriz...

VIRGINIA.

A morte... a morte!...

SIGESTO.

Do mesmo lado... Virginia, como recebeste este signal?

VIRGINIA.

Não sei.

VIRGINIA.

SIGESTO.

O nome de teus parentes ?

VIRGINIA.

Nunca o soube.

SIGESTO.

Nunca !...

VIRGINIA.

Não ; escrava no Egypto, e sem familia...

SIGESTO.

Deuzes... ó deuzes !

O SACERDOTE DE JUNO.

Então... que esperas ainda?... fere-a...

SIGESTO.

Fere-a!... é minha filha filha !

VIRGINIA, levantando-se.

Eu ?...

VALERIA E POVO.

Sua filha !...

SIGESTO.

Sim, minha filha !... O' terra, sorve-me, Céus fulmi-
nae-me... eu hia matar minha filha !

Estendendo-lhe os braços.

Meu pae !

VIRGINIA, precipitando-se.

SIGESTO.

Minha filha, sim, roubada a meu amor ! felicidade que eu
ha tanto tempo anhelava e que faltava á minha existencia ;
que eu rogava aos vossos deuzes me concedessem ; que hei
procurado pelos vossos palacios destruidos, pelos vossos

templos queimados! Sim, é minha filha, que foi arrancada do ventre de sua mãe e para ser arrojada ao cutello de seu pae.

Supplicando.

Povo, vós não ordenareis esta morte horrivel... é minha filha!

O SACERDOTE DE JUNO.

Um escravo não tem filhos...

SIGESTO.

Oh! é de mais! armo-me com unico direito que me resta, e tu o ennegreces?... Sou vosso, é verdade; minha carne pertence aos vossos tigres, também é verdade; o ferro ardente dos lictores queimou-me a fronte, mas não o coração!... Sou pae!!...

POVO.

Não! não!

SIGESTO, com desespero a Virginia.

Oh! que elles se dignem ouvir-te, com tua meiga voz, pede-lhe o teu perdão!

VIRGINIA.

O Céu...

SIGESTO, interrompendo-a.

Cala-te! cala-te!... Povo... graça! piedade!...

Como ferido de uma ideia.

Ah!

A Valeria.

Sabeis que destino está ligado ao seu, senhora? vosso filho...

VALERIA, á parte.

Perco afinal a minha vingança! Fatal oraculo!

Alto

Romanos, sede indulgentes. Devemos vingar os nossos templos immortaes; mas a natureza também tem altares em Roma: os direitos paternos recebem a sua força dos

deuses e é sagrado como elles; que o escravo os conserve. Seus gritos de terror commovem-me, é sob o ferro mortal que elle abraça sua filha; todas as mães devem unir suas vozes á minha para pedir o seu perdão!

POVO.

Não, não!

SABINO, baixo a Valeria.

É preciso ceder ao povo desordeiro!

VALERIA, o mesmo.

Ceder!... é impossivel!

O SACERDOTE DE JUNO, o mesmo.

O povo rei, reina só neste lugar; a vossa clemencia é subita e nova; ainda esta manhã me excitaveis contra ella! — Agora pertence aos deuses.

SIGESTO, fazendo o turno do circo e apresentando sua filha ao povo.

Não, povo triumphante, vossos deuses não querem a morte de minha filha! a sentença que vos dictam é herrivel, é impia! Um dia nos vossos jogos um leão reconhecendo em Androcles o seu salvador, esqueceu a sua furia e poupou-lhe a vida. A vossa piedade, Romanos, levou-vos a conceder graça plena ao escravo e ao leão; sereis acaso mais crueis para com a filha e o pae?

Silencio.

VIRGINIA.

Não ha mais esperanza!

VALERIA, a Sabino.

Os lictores...

LYCINIO, apparecendo.

Só existem quatro ás portas do amphitheatro! Enquanto vós e o vosso povo-rei se divertem, os lictores e os soldados do pretorio correm para as muralhas de Roma a defendel-as das tropas de Constantino!

VALERIA, aterrada.

Já!...

Ao povo.

Povo...

O SACERDOTE DE JUNO, interrompendo-a a meia voz.

Impedir a sua morte é derrubar o altar a que se ia oferecer; podemos, vingando a nossa injúria, conciliar os direitos do nosso Olympo e os da natureza.

Alto a Sigesto.

É tua filha? pois bem! nós te deixamos ir d'aqui; outro escravo virá immolal-a.

VALERIA, á parte.

Deuses!...

SABINO.

Senhora!

POVO.

A' morte!

VIRGINIA.

Ouvís seus gritos de odio?...

SIGESTO.

Descei vós mesmo á arena para feril-a... pedis o seu sangue, vinde buscal-o, — que os vossos gladiadores ousem arrancar-m'a, e que os vossos leopardos venham devoral-a sobre o meu coração!

Abraça a filha e levanta o punhal contra o povo.

VALERIA.

Esta victima é devida á vossa inimidade; mas quero que se lhe conceda um dia. Que seja conduzida outra vez á sua prizão... morrerá amanhã!

O SACERDOTE DE JUNO.

A vossa palavra está dada; lembrae-vos dos nossos deuzes!

VALERIA.

Sim. Sim!

O SACERDOTE DE JUNO.

Pensae no povo romano.

VALERIA, á parte.

Resta-me a noite.

SIGESTO.

Oh ! minha filha !

VALERIA.

Amanhã !

TODO O POVO.

Amanhã !

LYCINIO, á parte, sombrio.

Senão for esta noite !

FIM DO SEGUNDO QUADRO E DO QUARTO ACTO.



O TRIUMPHO.

O toi ! d'un feu divin précieuse étincelle,
De ce corps périssable habitante immortelle,
Dessipe ces terreurs : la mort vient t'affranchir !
Prends ton vol, ô mon âme ! et dépouille tes chaînes.
Déposer le fardeau des misères humaines,
Est-ce donc mourir ?

LAMARTINE.

PERSONAGENS.

PORPHIRIO.

CLAUDIO.

SIGESTO.

LYCINIO.

OCTAVIO.

CLEONTE.

LUCIO.

UM CARCEREIRO.

VALERIA.

VIRGINIA.

ACTO QUINTO.

O theatro representa uma das prizões dos Christaões. Ao fundo uma grande porta de bronze. No segundo plano á esquerda do espectador uma porta, dando para fóra, ao fundo uma janella com grades, elevada alguns degrãos assima do solo. A' direita uma porta communicando com as outras prizões. A scena deve ser illuminada com alampadas funebres.

SCENA I.

VIRGINIA, só, ainda com os trages de martyr (tunica azul).

VIRGINIA.

Só!... só!... Oh! se ao menos na sua amarga clemencia, me não houvessem separado de meu pae!... Se ao menos no curto espaço que por piedade nos concedem, pudesse-mos chorar juntos e repartir nossos soffrimentos!... Dolorosa compaixão! Indulgencia enganadora! A piedade dos romanos é ainda um requinte de vingança!

Só!... Só?!... Meu Deus, não estás tu commigo? — Que fizestes da minha coragem?... Semelhante á timida pomba, tenho precisão da Tua protecção para soltar o vôo no meio da tempestade! — Lastimo a minha sorte e Tu me condemnas!... Oh! já não ouse offerecer-me a Ti!...

E lagrimas profanas humedecem os sagrados ferros que me opprimem! — Oh! não me abandones no momento de morrer!

Claudio... Claudio... pronunciar teu nome nesta occasião, é uma blasfemia...

E todavia offereci-me a Ti, meu Deus, abandonando meu esposo e meu senhor, sem Te levar a sua alma! — do esposo em cujo olhar devia achar a vida; do senhor a quem desejava amar de joelhos. E morro!... Um sopro de gelo passando-me pelos olhos me vedou a luz! Longe de ti, Claudio, Deus me assignala o lugar que me pertence!

Oh! poder-se-ha esquecer no céu o amor!...

Ainda hontem caminhava a teu lado palpitante de amor e felicidade, ornada com o véu nupcial e a charpa flue-

tuante!... E hoje?... A tunica de martyr é menos brilhante; mas faz raiar em minha fronte a auréola de céu!
Morrer!... e meu pae!...

Vendo entrar Porphirio pela porta lateral da direita.

Oh! chega o santo Apostolo que consagra toda a sua alma a consolar a nossa! elle comprehenderá os meus pezares.

SCENA II.

VIRGINIA, PORPHIRIO, conduzido e amparado pelo Carcereiro, que sae logo.

VIRGINIA.

Sois vós, meu pae... Ah! que me seja permittido abraçar vossos joelhos!

Reparando.

Grande Deus! essa palidez! .. essas recentes feridas!...

PORPHIRIO.

Acabo de supportar tres horas de tortura!...

VIRGINIA.

Que!... para vingar seus deuzes e a sua horrivel lei...

PORPHIRIO, interpendo-a.

Não fallemos de mim... mandastes-me chamar; para satisfazer vossos desejos, o Deus que nos escuta fez cessar minhas dores... Vim; e minhas mãos podem agora abençoar vossa fronte triumphante, posso sem receio de vacillar sustentar-me sobre es.es pés dilacerados, para me conservar em pé ante uma martyr.

VIRGINIA.

Ai de mim! Se soubesseis a que dolorosos combates se entrega minha alma!... Perco todos os sagrados momentos

que Deus me concede: cada hora de triumpho augmenta a minha fraqueza! Abandonando a meu esposo pelo meu Deus, julgava despedir-me de tudo o que amava! — Enganei-me!...

PORPHIRIO.

Como assim, minha filha?...

VIRGINIA.

Contei-vos que não tinha familia: esperava, quando me fui offerecer a Deus no Circo fatal, morrer sómente. Já sob o gladio, minha oração se terminava... O escravo que devia ferir-me... é meu pae!...

PORPHIRIO.

Vosso pae?...

VIRGINIA.

Sim; meu pae... Oh! perdi a coragem, cahindo em seus braços... — Ha muito que elle procurava sua filha!...

PORPHIRIO.

Deus quiz restituir-lha...

VIRGINIA.

E para que, se tão cedo queria outra vez roubar-lha?... Elle é escravo, e sou eu o seu unico bem, a sua unica esperanza!...

PORPHIRIO.

E se o vosso martyrio o vier a fazer christão?

VIRGINIA.

Ouçõ ainda os seus clamores... vejo ainda as suas lagrimas...

PORPHIRIO.

Deus não tem armas para este novo combate?

VIRGINIA.

VIRGINIA.

Devo morrer amanhã... e quem depois lhe enxugará as lágrimas?

PORPHIRIO.

Recolhei as vossas, minha filha, e lhas restituireis depois da morte!

VIRGINIA.

Oh! quero abrir-vos toda a minha alma. Arrancada dos braços d'um esposo e lançada nos d'um pae, confesso-vos que senti neste dia funesto, crescer com o amor filial um outro amor, uma adorada imagem...

Reprimindo-se.

Ah! que Deus me perdoe, mas por ventura a minha vida pertence-me, para que lha offereça?

PORPHIRIO.

Virginia, fallas d'um sentimento mortal adornada com a santa vestimenta das esposas de Deus?

VIRGINIA.

O meu anjo desapareceu, o terror me rodeia, vejo a morte por toda a parte, e em parte alguma a corôa de triumpho! Dignae-vos socorrer-me com a voz e com o olhar, porque não sei se terei duas vezes a força de morrer! Receio desfallecer; receio d'apagar da minha frente a santa agua do baptismo; de ser para os christãos um objecto de dôr, e que Deus recuze as minhas lágrimas!... Receio succumbir á prova ultima, misturar muito amor terrestre nas minhas orações. — Muito amor... Creio ver o termo da viagem, a palma dos martyres quebrar-se-me nas mãos. Creio finalmente que acabarei por ser infiel ao vosso divino mestre!... que acabarei por perder minha alma!...

PORPHIRIO.

Oh! Deus!... não acabeis!...

VIRGINIA.

Oh! perdoae, meu pae, mas o soffrimento é tremendo!

PORPHIRIO.

E Deus vos estende os braços! Que! perderdes vossa alma! Acaso ouvi eu bem? — Vós? martyr hontem e amanhã elleita do Senhor perder vossa alma? Aqui, sob estes ferros, neste lugar, arrancai-a-hieis ás entranhas de Deus, ao seu throno de gloria, vertendo ainda sangue, para arrastal-a no lado dos sentidos donde Christo a fez sahir?...

VIRGINIA, lançando-se em seus braços.

Ah! meu pae!...

PORPHIRIO.

Vinde, innocente victima, para caminhar á morte apoiaevos em meus braços! Apezar dos tormentos, ainda estou bastante forte para sustentar aquelles que o céu atrahê a si! É sempre pelo coração que o martyrio principia! — eu o sei — e se para vos reanimar ouzasse nomear o meu — entre outros bemaventurados nomes — dir-vos-hia: — Filha, o vosso coração se desespera e quer trahir o seu Deus, quando vos restitue vosso pae! — Eu tambem tinha um pae christão, que era a minha gloria, o meu amor, a minha felicidade, o meu unico bem! Um dia arrancararam-mo dos braços... e eu exortei a victima occultando-lhe minhas lagrimas; durante o horrivel apparelho dos supplicios, rodeado de carrascos, eu continuava a exortar a victima; e durante o espaço que durou o martyrio sublime, todo coberto com o sangue que lhe espadanava das feridas, ainda eu exhortava a victima!!

VIRGINIA.

Milagre da fé!...

PORPHIRIO.

Não foi em vão, porque o amor filial centuplicou o amor divino! E não poderei hoje, minha filha, mostrar da mesma sorte a Jesus Christo o transporte com que é amado? —

Mortificado pela tortura devo mostrar-me fraco em servir-o? — E sem a reanimar com o fogo da palavra, heide ver morrer na vossa frente a brilhante auréola que a cinge? Não, não; é impossível, — vós não haveis de querer recuar ante a estrada que encetastes, lançar sobre os christãos o luto da vossa memoria, e transformar em mortalha o vosso manto glorioso!... Minha filha!... minha filha...

VIRGINIA, com enthusiasmo.

Ah! mudo de amor!...

PORPHIRIO, com fogo.

Sim, sim! vejo por vossos olhos que revêdes a luz! Levantae-vos, levantae-vos para morrer santa virgem; retomae sem vacillar o peso de vossa alma; correi a affrontar os carrascos, e contra seus tormentos, armae-vos ante elles com uma frente de diamante!

VIRGINIA.

Farei por Deus o que a fé ordena!

CARCEREIRO, entrando, a Virginia.

Uma mulher coberta com um longo véu, vos quer fallar.

PORPHIRIO.

Adeus, filha de Christo!

VIRGINIA.

Não nos veremos mais?

PORPHIRIO.

Tornar-nos-hemos a ver entre os cleitos!

Sae, sustentado pelo carcereiro.

SCENA III.

VIRGINIA, VALERIA, precedida d'um carcereiro.

Deixa-nos...

VALERIA, ao carcereiro.

O carcereiro sae. — Levantando o véu, — e dirigindo-se a Virginia.

É preciso fugir.

VIRGINIA, admirada.

Sois vós?

VALERIA.

Virginia, o teu amor por Claudio tornou-me a tua mais cruel inimiga, mas neste momento tudo esqueço... escuta, poucos instantes temos de estar juntas... talvez que d'aqui a uma hora já não seja tempo, o povo tem suspeitas e ja te reclama: — salva meu filho, fugindo.

VIRGINIA.

Senhora, que laços podem unir a filha d'um escravo ao imperador? Que importa a vosso filho a minha vida ou a minha morte?

VALERIA.

O céu justo uma vez, pune-me, querendo que um mesmo destino uma a tua á sua sorte... — que seus dias sejam contados pelos teus!... Estes mesmos deuzes, constantes em opprimirem-me, ainda me descarregaram um golpe mais tremendo, lançando em teus braços o unico homem, o unico peito que hei podido amar! — A desesperação, reduzindo meu coração a cinzas fez-me descer ao nivel d'uma escrava. Do orgulho com que me cercava, d'esse incenço de honra com que em Roma era adorada, só me restam estas lagrimas amargas, estes receios, estes terrores que perseguem as mães, quando vêem a vida de seus filhos a extinguir-se!... Virginia, eu sou mãe... comprehendeis?...

VIRGINIA.

Eu não conheci minha mãe, senhora!

VIRGINIA.

VALERIA, á parte.

Deuses !...

Alto.

Vamos, Virginia, fujaamos !...

VIRGINIA.

Não; o mesmo furor que contra ella vos armou, vos arma contra mim para me tornar infiel ao amor do meu Deus, unico e supremo bem !

VALERIA.

Que !... não amas Claudio ?

VIRGINIA.

Adoro-o !

VALERIA.

E então ?...

VIRGINIA.

Vou morrer !

VALERIA.

Pensamento horrivel !... tu morrer !... e meu filho... Não, não; é impossivel ! — Foje, foje... Claudio a quem abri as portas da prisão, te espera, para conduzir-te — se for preciso — ao fim do mundo, elle só a ti quer ! Vamos, depressa... toda a demora póde ser fatal !

Reparando para dentro.

Ah ! é elle !...

SCENA IV.

AS PRECEDENTES, CLAUDIO.

CLAUDIO.

Virginia !

VIRGINIA.

Vós aqui ? devieis tornar a ver-me neste estado ?...

CLAUDIO.

O povo se revolta... Os soldados do pretorio não se podem oppor aos seus designios, porque estão occupados na defesa da cidade... ainda podemos fugir; vem, as horas vóam, meu amor te defenderá!

VIRGINIA.

Dolorosa ternura!

CLAUDIO.

A imperatriz tira-te os ferros...

VIRGINIA.

Mas eu conservo-os... Adeus! fico para morrer;— e o decreto do meu Deus... Jurei-o!...

VALERIA.

Juraste-o?!

CLAUDIO.

Ah! a dôr te desvaira... Um juramento te separa de mim... de teu esposo?... Mas que seria o teu Deus se tal fosse a sua lei; se fosse preciso abjurar a felicidade pela fé; se fosse preciso violar os sagrados votos d'alma? Oh! eu amaldiçoaria a esse Deus, que te reclama, se duas vezes no mesmo dia te arrancasse de meus braços, para te arremessar, palpitante de amor e felicidade, aos carrascos!... sim, eu o amaldiçoaria!...

VIRGINIA.

Ah! esse Deus de que blasfemas, nos protege a ambos, e se me fere é porque me ama!... Jurei morrer. — Sinto que uma palavra de mais da tua boca, poderia vencer este pobre coração... Não a pronuncies, meu amigo, eu te supplico, porque á força d'amor tornar-me-hia perjura...

Dirigindo-se a Valeria.

Mas vós, senhora, cujas lagrimas são cauzadas por uma escrava; mostrae-vos generosa com o meu Claudio... sêde

longo tempo felizes; — cercae-o de gloria e de grandezas; prodigalisae-lhe todos esses dons, que eu não conheço; e em honra da minha memoria, concedei-lhe a mão de esposa...

VALERIA.

Cala-te, cala-te; porque poderei acreditar-te!

CLAUDIO.

Virginia, não resistas... vem!...

VIRGINIA.

Ambos quereis perder-me?

CLAUDIO.

Não... salvar-te!...

VALERIA.

É teu esposo que te chama, Virginia; teu esposo... com este nome, cedo-te todos os meus direitos ao seu coração; — eu t'os restituo... Valeria tanto tempo collocada entre vós, vos une!... Todo o ar que respiro, meus thesouros, meus altares, meus avós, meu imperio, daria tudo para estar em teu lugar; para ser a sua amante adorada, — que digo? — para ser como tu a sua escrava preferida!... E entretanto abandono-o por meu filho... salva-o... previnamos ao menos o funesto oraculo!...

VIRGINIA.

Meu pae está na prizão...

CLAUDIO.

Teu pae nos seguirá...

VIRGINIA, no cumulo d'alegria.

Ah! é muita felicidade!... Deus me perdoará.

VALERIA.

Este véu occultará a tua tunica de martyr!

VIRGINIA, recebendo-o.

Dae-m'o, senhora, dae-m'o...

CLAUDIO.

Fujamos.

Ouve-se rumor.

Quem virá?...

CARCEREIRO, correndo.

O povo revoltado se aproxima, e fecha todas as saídas... é incitado pelo deshumano flamineo... Não saíaes sem que os lictores dispersem a multidão.

CLAUDIO.

Para vencel-o não me serão precisos muitos minutos.

VALERIA.

Claudio, eu te responsabiliso pelos dias de Virginia.

VIRGINIA.

Claudio ! Claudio !

CLAUDIO.

Tranquillisa-te... a Victoria sempre se declarou a favor do pretorio.

VALERIA, ao Carcereiro.

Fecha todas as portas.

CLAUDIO.

Voltarei breve... O povo soberano não inspira grande receio aos nossos lictores; a sua realenza, sempre se desmorrna ao ruído das armas.

Sahe com a espada desembainhada. — Ouvem-se fechar as portas.

SCENA V.

VALERIA, VIRGINIA.

VALERIA.

Fecham-se as portas; estamos agora seguras.

VIRGINIA.

Oh! poderei subtrahir-me a este novo perigo? Não é só este povo que me reclama... é Deus tambem!

VALERIA.

Não, não; bane o susto de tua alma. Quando Claudio combate, quando é a ti que elle defende, parece-me que elle triumpharia de todos os deuses!...

VIRGINIA.

Escutae... sinto passos... alguem para aqui se dirige...

VALERIA.

Quem será?...

SCENA VI.

AS PRECEDENTES, LYCINIO.

VIRGINIA, recuando atterrada.

Ainda este homem!...

LYCINIO.

Sim... ainda! Virginia, a tua morte é inevitavel, só eu te posso salvar. Ha nesta prizão uma porta occulta que ignoraes; vinde, fujamos...

VIRGINIA.

Comtigo?... antes a morte!

LYCINIO.

Oh! não falles em morrer, que me matas! Virginia, amo-te, e a teu pezar te hei de salvar! Ha dous annos que este amor jaz encerrado em meu peito; emquanto eras escrava, eu nutria uma esperança lisongeira de te possuir. Desde o momento porém em que sube desposavas Claudio... oh! a raiva, o ciume e o desespero entraram em minha alma... Virginia, um homem desesperado é capaz de todos os crimes!...

VIRGINIA.

Não receio o teu furor!...

LYCINIO.

Não receias pela vida de teu esposo?...

VIRGINIA.

Deus o defende!

LYCINIO.

Deus!... Pois bem! que o teu Deus o salve da morte, que d'aqui a poucos instantes irá procural-o á masmorra, onde se acha sepultado!...

VALERIA.

Enganas-te, porque a esta hora, combate elle nas ruas de Roma!

LYCINIO, furioso.

Ah!... quem o tirou da prizão?

VALERIA.

Eu!

LYCINIO.

Maldição!...

Pauza — continúa furioso.

Não importa! — não me escapará! — Virginia, pela ultima vez queres seguir-me?

Grande sussurro do povo.

VIRGINIA.

VIRGINIA.

Pela ultima vez te digo, que te odeio!

LYCINIO.

Pois bem! recusas seguir-me, não seguirás a mais ninguém. O povo brame furioso ás portas da prisão; estas portas lhe vão ser abertas.

Sahe.

VIRGINIA.

Ah! foi-se a minha ultima esperança!

Ouve-se o estrondo como de um muro que cahe.

Ah! não ouvis, senhora?...

VALERIA.

Sim, uma parede que abate.

VIRGINIA.

Deus!

SCENA VII.

VIRGINIA, VALERIA, SIGESTO.

SIGESTO.

Não vos assusteis, sou eu!

VIRGINIA, lançando-se-lhe nos braços.

Ah! posso fugir á morte fugindo comvosco!

SIGESTO.

Maldição!... que illusoria alegria!... tira esse véu irrisorio.
--já não tens precisão delle!

VIRGINIA.

Porque?

VALERIA.

Sua fuga está preparada...

SIGESTO.

E quem me responde por isso?

VALERIA.

Eu.

SIGESTO.

É muito tarde... muito tarde! foram forçadas as prizões, e as aguias dos pretores são por toda a parte derrubadas; porque por toda a parte existe a revolta... Sim; eu mesmo vi engrossar ondas tempestuosas e furibundas de povo; o flaminio os guia em nome da christã.

VALERIA.

Deuzes!

SIGESTO, a Virginia.

A minha prizão não fica longe da tua; arrancando as grades de ferro por onde entrava uma fraca claridade, arremeço-me ancioso para este lado, cahi de chofre no covil d'um tigre, com quem tive de combater e felizmente venci! — Corro depois para a segunda masmorra, onde a muito custo, pude abater parte da muralha... Mas agora que estou aqui, que posso eu fazer se não morrer contigo?

VALERIA.

E o tribuno.

SIGESTO.

Ha poucas horas foi degolado... eu mesmo vi...

VALERIA, anciosa.

E os meus soldados, os meus lictores, os meus escravos?...

SIGESTO.

Os vossos soldados, e os vossos lictores não vos ouvirão, porque estão nas muralhas da cidade, para se opporem á

entrada de Constantino, que está mui proximo. — Escravos já os não tendes, porque a liberdade bate ás portas de Roma.

VALERIA.

Mas Claudio combate por Virginia, e vencerá... Em breve nos reuniremos no meu palacio...

SIGESTO.

O vosso palacio talvez não tarde a ser reduzido a cinzas.

VALERIA E VIRGINIA.

Céus!...

SIGESTO.

Foi o primeiro lugar, para onde os revoltosos correram.

VALERIA.

Deuses... se meu filho... eu corro...

Valeria e Sigesto fazem ambos o turno da Scena, Valeria chega á porta do fundo.

Esta porta?...

SIGESTO.

Fechada!

VALERIA, empurrando-a.

Ah! sim... fechada...

Dirigindo-se a outra.

Por aqui?

SIGESTO.

Existem os leões dos jogos romanos.

VALERIA, apontando para outra.

E alli?

SIGESTO.

Fechada tambem.

VALERIA, sacudindo a porta.

Deuses impotentes!

VIRGINIA.

Senhor, protege-nos, Tu!

SIGESTO, apertando-a contra o peito.

Filha, vem a meu coração, só eu te amo!

VIRGINIA.

Só nos resta morrer então?

SIGESTO.

Sim; é o único recurso. O amor de um pae escravo não serve para nada, — nem se quer te póde defender. Mas se estás proscripta, ao menos não estás envilecida!

VIRGINIA.

Vosso captiveiro vos torna mais sagrado ao meu amor!

SIGESTO.

Amo-te tanto!... oh! desde o dia horrivel em que mataram tua mãe, é hoje o unico dia de felicidade, que o meu coração tem tido!

VALERIA, com furor.

Ah! e estas portas malditas que se não abrem!

VIRGINIA.

Ella não era christã! quanto deveria soffrer!

VALERIA.

Que perigos não está correndo meu filho!

SIGESTO.

Os mesmos que corre minha filha. Haveis olvidado que ella pertence á vossa familia? — que ambos foram signalados pelo destino, que ambos tem a mesma existencia e

que terão a mesma morte? Para que fosteis procurar a alma de vosso filho no ventre de uma escrava? — haveis esquecido isto? — Porque tanto vos indignaes?... Crêdes que vosso filho venha a reinar muito tempo?...

VALERIA.

Como é amargo o pensamento do crime!...

SIGESTO.

Porém contemplae com vossos olhos de mãe, a formosura de minha filha! — Como é joven!... — tem apenas dezeseis annos.

VALERIA.

Desgraça!

SIGESTO.

A sua toga de martyr peza sobre a cabeça do imperador. A purpura de vosso filho manchada e dilacerada por vossos crimes, não terá mais duração que estes véus de luto...

VALERIA, cahindo sobre um banco de pedra.

Piedade! cada palavra tua é uma punhalada!

SIGESTO.

Piedade! algum dia tivesteis piedade de alguém? Não; — com toda a raiva que me devora, amaldiço-o vosso filho, amaldiço-o a sua corôa; — amaldiço-o enfim, porque na hora do remorso o seu diadema, une á frente de minha filha a sua corôa de morte!

VIRGINIA.

Ah! é uma auréola em torno da minha cabeça! cessae de profanar a palma que se me apresta. Essas maldições cahiriam sobre vós.

SIGESTO.

Que me importam meus dias?

VIRGINIA.

Recahiriam sobre mim!

POVO, ao longo.

À morte!

SIGESTO.

Já não é o pae que reclamam, já não são meus braços d'athleta... é a minha alma... é minha filha que será arrojada ao leão destruidor!... Seus vestidos dilacerados enso-par-se-hão em seu sangue... e será preciso que passe pela infamia!

VIRGINIA.

A infamia!... Oh! matae-me... não querereis que eu seja infamada...

SIGESTO.

Não, não; amo-te tanto!... Deuses! dae-me a coragem de Virginius! Dae-me a coragem de primeiro vêr minha filha cahir morta a meus pés, que vêl-a deshonrada!

POVO, fóra.

Morte a Cezar!...

VALERIA, assustada.

Cezar!!!...

SIGESTO.

Que vos parece, Valeria? Morte a Cezar, gritam elles!

VALERIA.

Meu filho!...

SIGESTO.

O povo justo uma vez quer reunil-os; — escutae sem impallidecer, Valeria, — o oraculo vae cumprir-se!

VIRGINIA.

Occultae-me em vossos braços!...

SIGESTO.

O amor me aterra!

VIRGINIA.

VIRGINIA.

Elles me arrancarão delles?...

SIGESTO.

Sim!

A' parte.

Mas não viva!

VIRGINIA.

Elles vem manchar-me... deshonnar vossa filha!

Cahindo de joelhos.

Oh Deus! já me não quererás na tua. santa familia?

POVO, fóra.

Aos leões!... morte á sacrilega!

SIGESTO.

Levanta-te!... levanta-te!... não me olhes assim!... senão,
não terei coragem para te ferir!...

VALERIA.

Já ouço os passos do povo!...

VIRGINIA.

Meu pae, salvae-me!...

SIGESTO, desvairado.

De que?

VIRGINIA.

Da sua vingança!... a morte será uma indulgencia! Ante
a deshonna não se vê a morte!

SIGESTO.

O teu Deus deixa-me pois arbitro da tua sorte?

VIRGINIA.

Vós o representaes!

SIGESTO.

Ah! sim, sim; tenho o meu gladio; não receio agora que te arranquem de meus braços;— elles recobriram sua firmeza!

VIRGINIA.

Meu Deus, perdoae-lhe!

SIGESTO, com o punhal na mão.

Minha filha, abraça-me!

VALERIA, que tem ido ao fundo, volta correndo.

Eil-os!... não ha mais esperança... Céus! que vaes fazer?

SIGESTO.

Provar que sou pae, matando minha filha.

VALERIA.

Deuses!

VIRGINIA.

Feri meu pae...

VALERIA, segurando-lhe o braço.

É tua filha!...

SIGESTO, deixando cahir o punhal e cahindo de joelhos.

Deus dos christãos;— Deus de minha filha! toma o meu lugar; salva-a, salva-a; e eu adorarei a tua lei...— Um milagre!

Sussurro immenso de povo, toque de clarins distante, tinir de espadas,
gritos.

Que será?

VALERIA.

E não poder saber o que se passa lá fóra; e estas amaldiçoadas portas fechadas! Deuses! salvae meu filho!

SIGESTO.

Os deuzes de Roma já não fazem milagres, Valeria; sobre

o Olympo em ruínas, um outro Deus se eleva... o Deus que
vãe salvar minha filha... o Deus dos christãos... o meu
Deus!

VIRGINIA, com alegria.

Ah! finalmente!...

Toque de clarins mais perto.

SIGESTO, subindo á grade.

É uma contra revolta dos Gladiadores! — Lá combatem
elles contra o povo... vão ganhando terreno... o povo recua
deixando o solo alastrado de cadaveres...

Um grande clarão de fogo illumina a scena.

Ah! fogo na cidade!... Que maravilhoso espetaculo!...

Bradando para fóra.

Assim, meus irmãos, degolae, queimae, assassinae!...

O clarão do incendio, torna-se mais vivo, o terror de Valeria sobe de ponto.

Lá attinge o incendio o palacio dos imperadores...

Voltando-se.

Valeria, vêde como é bello o incendio de Roma...

Desce e quer conduzir Valeria á grade.

Vêde, e á falta da lyra de Nero, entoa e uma canção hor-
rivel ao som do crepitar das chammas!...

VALERIA. fóra de si, sobe rapidamente os degrãos da escada e olhando
para fóra solta um grito de terror, e desce recuando.

Ah! meu filho! meu filho!...

Os clarins sóam de todos os pontos da cidade.

SIGESTO, subindo á grade.

Ah! estamos salvos!... As legiões de Constantino perse-
guem os lictores...

Muzica triumphante ao longe.

Já era tempo!...

Tenir de espadas que se vem approximando.

SCENA VIII.

OS PRECEDENTES, LYCINIO, com a espada desembalhada, todo ensanguentado, entra recuando.

LYCINIO.

Mizeraveis!... Cobardes!... Tantos contra um!...

Reparando em Virginia solta um grito de alegria.

Ah!

Correndo para ella e segurando-a.

Estou vencido!... Claudio não tarda... mas só apertará em seus braços o teu cadaver!...

Vae para feril-a, Sigesto d'um pulo se lança sobre elle e o derruba.

SIGESTO.

Tu bem dissestes que nos haviamos de encontrar terceira vez, mas em bem diversas circumstancias das da segunda.
— Não te enganaste.

Arrasta-o até á porta que dá para o antro dos leões; — abre-a e arroja-o para dentro. — Ouve-se a queda d'um corpo, o rugido d'um leão, e um grito de Lycinio.

SCENA IX, E ULTIMA.

OS PRECEDENTES, menos LYCINIO; CLAUDIO, OCTAVIO, JULIO, CLEONTE, todos com espadas desembalhadas precepitando-se em scena.

CLAUDIO.

Virginia!...

VIRGINIA.

Claudio!...

Precepitam-se nos braços um do outro.

VALERIA, com mortal anciedade.

Claudio, e meu filbo?

CLAUDIO.

Está salvo, senhora ; mas sem throno. O exercito vencedor de Constantino entra em Roma...

Muzica fora, e acclamações da tropa.

Ao som das acclamações da nova religião, e da destruição dos idolos e templos do paganismo!

SIGESTO, tirando o punhal.

Colocarei este punhal n'um altar, para que recorde a ignominia da nossa época, e brade á nova era que ante nossos olhos se desenrolla : — ACABOU-SE A ESCRAVIDÃO !

FIM DO DRAMA.

